



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Humanas – IH
Departamento de Filosofia

TRÊS ABORDAGENS DO PROBLEMA DO MAL NA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

ADEBOLA HAKEEM ADEYEMI

Orientador: Professor Agnaldo Cuoco Portugal

Brasília, 2º semestre de 2011

ADEBOLA HAKEEM ADEYEMI

**TRÊS ABORDAGENS ALTERNATIVAS DO
PROBLEMA DO MAL NA FILOSOFIA
CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, como requisito para a graduação, sob a orientação do Professor doutor Agnaldo Cuoco Portugal.

Brasília, dezembro de 2011

À minha família na Nigéria, que me apoiou incondicionalmente nessa trajetória.

E à minha família do Brasil, complemento fundamental desse apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas oportunidades que me foram dadas na vida, principalmente por ter conhecido pessoas e lugares interessantes, mas também por ter vivido fases difíceis, que foram matérias-primas de aprendizado.

Não posso deixar de agradecer aos meus pais Sr. Mahmood Adeyemi e Sra. Toyin Labake Adeyemi, sem os quais não estaria aqui, e por terem me fornecido condições para me tornar o profissional e Homem que sou.

A minha família na Nigéria e a minha família (Moreira e dos Santos) aqui, que desde pequeno me ensinou diversas coisas e desde que as conheci foram maravilhosas comigo.

Agradeço em especial o meu Professor, Sr. Agnaldo Couco Portugal, que me orientou e me guiou e me colocou no caminho certo. Sem ele, esse trabalho não estaria pronto. Ele me forneceu bons momentos de discussão sobre o tema a ser abordado, e material de pesquisa. Agradeço pelas boas conversas que tivemos tanto quando precisava de apoio quanto na hora de apoio intelectual.

Dedico em especial este trabalho à pessoa mais importante desde o dia 24 de outubro 2007 que a conheci Andressa Moreira, que me ajudou tanto psicologicamente quanto moralmente e também pelos inúmeros puxões de orelha, que sempre soaram como incentivo. Devo todo agradecimento a ela, a família dela especialmente “a minha avó” Dona Adirce. Aos meus amigos pelas conversas e discussões que tivemos, especialmente Dr. Temitope Omotosho.

Várias pessoas me auxiliaram neste trabalho. A todos só posso dizer: Muito Obrigado!

Sumário

1. Resumo.....	6
2. Introdução.....	7
3. Capítulo 1	14
4. Capítulo 2	29
5. Capítulo 3.....	45
6. Conclusão	52
7. Bibliografia	54

Resumo

Este trabalho de conclusão do curso de filosofia da Universidade de Brasília (UnB) apresenta o problema do mal e os argumentos do mal. A pesquisa conta com trabalhos de muitos filósofos na área como J.L. Mackie, Adams e Adams, Alvin Plantinga, William Rowe, John Hick e fechando com Peter van Inwagen. A abordagem que foi tomada nesse trabalho é ver as posições dos argumentos na resolução do problema do mal. Se essas abordagens conseguem resolver ou não o problema do mal. Finalmente, é apresentada uma abordagem diferente de Peter van Inwagen que versa sobre o fracasso filosófico.

Palavras-Chave: Teodiceia, Livre-arbítrio, Deus, Mal, Mal gratuito, Bem, Onipotente, Benevolente, Onisciente.

INTRODUÇÃO

Na sociedade do conhecimento hoje, a questão do mal se tornou um problema do intelecto, em oposição a uma realidade espiritual. A relevância do Mal é analisada, discutida e escrita de uma maneira que o relega às religiões há muito esquecidas e pregações equivocadas que impedem o "fluxo natural da humanidade em direção à iluminação da alma". O mal é composto de "formas de pensamento antigos e cargas emocionais do passado e, apesar de ser obsoletas, ainda persistem, procurando impedir o progresso." Neste sentido, o Mal é pensado como uma construção da mente humana e uma questão de grau. Quanto mais próxima a "iluminação da alma" menos o mal está presente.

Ou, o Mal é pensado como um argumento que desvaloriza a religião e a necessidade da fé. O Mal em um sentido espiritual, para pensadores modernos naturalistas, não existe. Afirmamos que os valores morais derivam sua fonte da experiência humana. A ética é autônoma e situacional, precisando de sanção não teológica ou ideológica. A ética origina de necessidades e interesses humanos.

O Mal tornou-se uma questão de perspectiva social. Más intenções de um homem são meios de libertação de outro homem. O mal é "O que a sociedade teme, rejeita ou usa para definir-se negativamente." Bom é definido em muito da mesma maneira.

Atos malignos são considerados o produto de uma mente doente que tem sido distorcida e corrompida devido a experiências de vida e fatores situacionais que nos afastam para longe de uma finalidade original. O mal é pensado aqui como ação que surge de dentro da mente humana. "A mesma mente humana que cria as mais belas obras de arte e maravilhas da tecnologia extraordinária é igualmente responsável para a perversão de sua própria perfeição. O órgão mais dinâmico no universo tem sido uma fonte aparentemente interminável para a criação de câmaras de tortura cada vez mais vil e instrumentos de horror da história." P. Zimbardo (*The Psychology of Power and Evil* 57).

Nas tradições clássicas-filosófica do Ocidente, o mal é discutido como um problema de idade antiga não resolvido que não pode ser respondido. "Se Deus é todo

bom, todo amoroso e todo poderoso, então de onde vem o mal?" é a questão. "Deus tem suas razões" é a resposta dada por alguns filósofos. Afinal há uma razão para tudo, mas nós, como pessoas, não podemos entender intelectualmente o "porquê" por trás do mal. A humanidade só pode entender o uso do mal por Deus apenas no sentido de que o sofrimento é necessário para o crescimento espiritual. Qual o valor do crescimento/bem pode ser atribuído ao veado que foi morto na floresta? Esta é uma resposta insatisfatória no melhor, e no pior dos casos uma desilusão para qualquer buscador da verdade. Como uma nota interessante, ateus desenvolvem um de seus mais fortes argumentos sobre esta questão sem resposta pela visão clássico-filosófica do mal. Como Deus, que é considerado todos os itens acima, pode permitir o Mal. Como Deus, que é considerado todos os itens acima pode permitir o Mal. E/ou, se Deus criou todas as coisas, então Ele deve ser o autor do mal também. Para um ateu, Deus ou é impotente (não todo poderoso,) e não pode controlar o Mal ou Seu caráter é corrupto em que Ele é o criador do mal. De qualquer maneira, a um ateu, Deus não é o Deus cristãos pensam que Ele é e não é digno de adoração. De fato, para um ateu, Deus não existe e deste ponto de vista nem faz mal. Porque, se não há Deus, não pode haver mal.

O Mal, ou o problema do Mal, não pode ser resolvido sob a falsa premissa de que é uma questão do intelecto, que pode ser racionalizada e compartimentada. Nenhuma das visões anteriores do Mal cria um caso forte quanto às suas origens, nem a relevância de combatê-lo no mundo de hoje. O Mal pode fazer sentido do ponto de vista espiritual e deste ponto de vista espiritual, o mal pode ser definido e suas origens tornou evidente. Em luz do acima exposto, O mal toma forma gigantesca em escopo e muito mais do que um problema intelectual a ser resolvido filosoficamente.

O mal não é irrelevante e antiquado como alguns poderiam sugerir. Sua presença é sentida até hoje na agulha de injeção do viciado, na família desunida por causa de um membro alcoólatra e no terror das vítimas de estupro. Nem é algo subjetivo ou relativo, a ser definido por um indivíduo ou uma sociedade. Se este fosse o caso do que a sociedade que imaginava "A Solução Final" e tornou uma realidade em Auschwitz, Belzec, Chelmno, Majdanek, Sobibor e Treblinka foram justificadas, porque "A Solução Final" foi considerada justificada pelos atos predominantes daquela cultura naquela época.

Por último, mesmo que o mal possa e muitas vezes venha de dentro da mente humana, é muito maior do que esta no seu âmbito e alcance. Seres humanos, às vezes, são os portadores e os perpetradores do mal, porém a humanidade não é a criadora do mesmo. E para isso, vamos examinar como o mal é visto na realidade, como o mal pode e pode ser confrontado, a única maneira de dar sentido ao problema do mal.

O material a seguir destina-se a dar uma visão geral da discussão desta questão, uma vez que ocorre em vários círculos.

I. O Problema do Mal Definido

Três termos, "o problema do mal", "teodiceia", e "defesa" são importantes para nossa discussão. Os dois primeiros são muitas vezes utilizados como sinônimos, mas a rigor o problema do mal é a maior questão de que a teodiceia é um subconjunto, porque se pode ter um problema secular do mal. O mal é compreendido como um problema quando procura explicar por que ela existe (*Unde malum?*) e o que sua relação é para o mundo como um todo. De fato, algo pode ser considerado mal quando coloca em questão a nossa confiança básica na ordem e na estrutura de nosso mundo.

II. Teodiceia definida

"Teodiceia" é um termo que Leibniz cunhou da palavra grega *theos* (Deus) e *dike* (justos). Uma teodiceia é uma tentativa de justificar ou defender Deus, em face do mal para responder o seguinte problema, que em sua forma mais básica envolve estas premissas:

Deus é todo-bem e todo-poderoso (e, portanto, sabe de tudo).

O universo/criação foi feita por Deus e / ou existe numa relação contingente para com Deus.

O mal existe no mundo. Por quê?

Observe o que este problema sugere. Ele começa com a suposição de que um ser como Deus vai querer eliminar o mal. Se Deus é todo bom, mas não todo-poderoso ou sábio, então talvez ele não tem a capacidade de intervir em todas as ocasiões. Da mesma forma, se Deus é todo poderoso e sabe, mas não é totalmente bom, então talvez ele

tenha uma tendência má. Se Deus é de algum modo todas estas coisas, mas o universo não existe numa relação contingente, então Deus tem pouco a ver com o mal (mesmo que o projeto de Deus ainda possa ser criticado). No entanto, se Deus é bom e poderoso, então por que o mal existe?

Agora, este problema pressupõe várias coisas. O primeiro ponto implica que Deus é um ser pessoal, embora nem todo teodicista concordaria. Da mesma forma, o segundo ponto supõe que Deus interage, ou pelo menos tem interagido em algum momento, com o mundo. E que podemos reconhecer que o mal existe no mundo assume que o "mal" é algo que pode se tornar inteligível e, portanto, discutido. O mal é geralmente definido como qualquer estado indesejável de coisas e é considerado geralmente de incluir tanto o mal moral, os actos praticados por seres humanos, e o mal natural, que inclui a dor e o sofrimento que resulta de desastres naturais, doenças ou defeitos genéticos.

Como se pode ver, este é um problema dentro e ao redor de monoteísmo. O mal, sua origem e propósito, assume um significado diferente quando visto da perspectiva de um sistema de crenças politeístas, ateuista, ou não-teísta. Um sistema no qual existem vários poderes divinos, nenhum poder, ou alguma forma de força cósmica impessoal (por exemplo, Tao) não vai conceber o problema desta forma. O mal não só pode ser concebido em termos metafísicos e religiosos como abominação, desobediência, maldade, a impureza, e desonra (ou alternadamente em alguns sistemas orientais como ilusão ou desequilíbrio), ele também pode ser entendido em termos essencialmente naturais ou seculares como vício social, o egoísmo, a parcialidade, corrupção e criminalidade. E muitos destes enquanto não antitética a um sistema de crenças teísta não são dependentes de uma qualquer um.

III. "Defesa" definida

Uma "defesa" difere de uma teodiceia que, em vez de tentar dar resposta a todos os itens acima, uma defesa busca mostrar que a crença teísta em Deus diante do mal é racional. Estritamente falando, uma defesa lógica não é fazer alegações sobre como Deus trabalha realmente tanto como mostrar que as acusações ateuistas podem ser respondidas. Dito isto, as ideias dos defensores e dos teodicista muitas vezes se sobrepõem, e o termo "teodiceia" é frequentemente usado para descrever as defesas também.

Abordagens principais

Cada um destes problemas poderia ser dito ter dupla audiência-vários ateus que questionam a existência de Deus no seu fundamento, e os crentes que por causa de sua crença deseja responder a estas perguntas também. As abordagens básicas para teodiceia podem assumir três formas: lógico-dedutiva, probatório-indutiva, e existencial.

I. O problema lógico do mal: o problema lógico do mal é dedutivo. Ou seja, dado o problema acima (Deus é amoroso, todo-poderoso e onisciente, mas o mal existe), é racional acreditar na existência de Deus?

O problema é antigo e foi expresso por razões diferentes em contextos diferentes, talvez, primeiro por Epicuro, mas claramente ampliado por Lactâncio, Marcion, Boécio e Tomás de Aquino. A formulação moderna desse problema por John Mackie também é muito semelhante à versão de David Hume no século XVIII. Formulação de Mackie do problema é assim:

Se Deus existe, Ele é totalmente bom, onisciente e todo-poderoso.

Tal ser não tem limites para sua capacidade.

Um ser bom sempre elimina todo o mal que ele pode.

O mal existe, então Deus não deve existir.

Teístas irão concordar com as duas primeiras reivindicações, mas pôr em questão a terceira, qualificando-a: "Um ser bom vai sempre eliminar todo o mal que ele pode a menos que tenha uma boa razão para permitir aquele mal."

Portanto, uma versão modificada do argumento de Mackie parece assim:

"Se Deus existe, então não há o mal, a menos que haja uma razão que justificasse Ele em permitir isso."

O mal existe.

"Não há nenhuma razão que justificasse a Deus para permitir o mal."

Então, Deus não existe.

O ponto crucial da resposta teísta é mostrar que de fato Deus é realmente justificado em permitir o mal

II. O Problema Probatório do Mal: O problema probatório admite que Deus e a existência do mal não são logicamente incompatíveis, mas considera se a quantidade ou o tipo de mal no mundo contam como evidência provável contra a existência de Deus. Esta abordagem argumenta que a grande quantidade de mal no mundo e/ou a existência do mal injustificado (diversamente chamado supérflua, inútil, gratuito) são indícios contra uma crença plausível em Deus porque supomos que Deus não permitiria a existência do mal que parece não ter bom propósito. Os seguintes são exemplos dessas objeções:

Parece que Deus poderia ter eliminado mais mal do mundo e ainda realizou os propósitos divinos.

Uma quantidade esmagadoramente grande do mal no mundo não parece estar ligada aos propósitos divinos.

Como são os propósitos de Deus realizados pela distribuição injusta do mal? Ou seja, alguma experiência muito mais má do que outros.

Parece improvável que qualquer meta divina poderia justificar todo o mal vivenciados pelo mundo, em particular os males mais terríveis.

Um Deus assim, que faz as coisas deste modo digno de adoração, portanto, é plausível? William Rowe colocou o ponto crucial desses argumentos assim. Rowe sugere que sempre há eventos em que é razoável que assumamos que algo não existe, se não temos nenhuma evidência de que existe. Por exemplo, a mulher que busca sua bolsa completamente e não consegue achar suas chaves. Admitidamente, há sempre a possibilidade de que as chaves foram simplesmente ignoradas (quer dizer; eles existem), mas é altamente improvável.

O teísta tende a responder, sublinhando a capacidade infinita de Deus, em comparação com as limitações humanas. Seria de esperar que com um ser semelhante a

Deus que haveria questões que não compreendemos. Há situações em que não podemos esperar poder ver o que é que estamos procurando. Da mesma forma, não pode ser mostrado conclusivamente que Deus não teria um propósito para permitir os tipos, distribuição e quantidade de mal existentes no mundo.

III. O problema existencial do Mal: Muitas vezes chamado problema do mal "religioso", "pessoal", ou "pastoral", o problema existencial é aquele que pergunta: "Por que este sofrimento e/ou mal neste momento, desta forma, neste lugar?" "Em certo sentido, toda teodiceia é prática, na medida em que realiza-se dentro de um contexto social específico e intelectual em meio a um ambiente que muitas vezes é polêmico e focado na resolução de problemas, mas a teodiceia, prática existencial está mais preocupada com o fornecimento de respostas para os que sofrem em circunstâncias específicas. Muitas vezes, o problema existencial passa de perguntar por que Deus permite que tal e tal mal ao que pode o homem feito à imagem de Deus fazer para aliviar ou tornar gerenciável o sofrimento e o mal. Da mesma forma, o foco se volta mais à forma como os crentes devem responder a Deus, enquanto que sofrem (quer dizer; fé, misticismo, protesto, os sacramentos e culto).

IV. A Abordagem de Inwagen: Peter van Inwagen discute o conceito de Deus, no qual ele descreve também o argumento filosófico como um fracasso; a distinção entre as versões dos argumentos do mal que depende de grande quantidade de mal no mundo e versões do argumento que dependem no mal particular, a defesa do livre-arbítrio e do sofrimento animal.

CAPÍTULO 1: O PROBLEMA DO MAL EM SEUS DIVERSOS ASPECTOS

Duvido que alguém pense que nós vivemos em um mundo perfeito sem a ocorrência do mal. Embora haja fome, guerras, terremotos doenças e crimes, ocorrências comuns, tenho certeza que a maioria das pessoas ficaria feliz em viver sem eles. Na verdade, eu esperaria que a maioria das pessoas diria que essas coisas são uma indicação de que nem tudo está bem com o mundo. Antes de considerar qualquer problema religioso associado com o mal e o sofrimento, precisamos ser claros sobre os termos que estamos usando. Também precisamos começar por reconhecer que nem todo sofrimento é ruim para nós. De fato, algum sofrimento é absolutamente necessário para nos manter vivos e bem.

Primeiro, é importante distinguir entre dois tipos de mal: o mal moral e mal natural. O mal moral resulta das ações de criaturas livres. Homicídio, estupro e roubo são exemplos. O mal natural resulta de processos naturais como terremotos e inundações. É claro que, às vezes os dois se misturam (o mal moral e o mal natural), como quando a inundação resulta em perda de vidas humanas devido ao mau planejamento ou construção de edifícios de má qualidade. Também é importante identificar dois aspectos do problema do mal e do sofrimento. Primeiro, há o aspecto filosófico. Este é o problema do mal abordado do ponto de vista do cético que desafia a possibilidade ou probabilidade de que existe um Deus que permitiria tal sofrimento. Ao responder a este desafio apologético, o religioso que pretende responder ao problema do mal em termos filosóficos deve utilizar as ferramentas da razão e da evidência em "dar uma razão para a fé dentro de nós".

Um segundo aspecto é o religioso do problema do mal. Este é o problema do mal abordado do ponto de vista do crente cuja fé em Deus é severamente testada com tentativas. Como podemos amar e adorar a Deus quando Ele nos permite sofrer dessas formas? Para enfrentar o desafio religioso/emocional, pode-se apelar para a verdade revelada por Deus nas Escrituras. Iremos abordar os dois aspectos do problema do mal neste ensaio. Também é útil para distinguir entre dois tipos do aspecto filosófico do problema do mal. O primeiro é o desafio lógico para a crença em Deus. Este desafio diz que é irracional e, portanto, impossível de acreditar na existência de um Deus bom e poderoso sobre a base da existência do mal no mundo. O desafio lógico é geralmente representado na forma de uma declaração como esta:

1. Um Deus bom iria destruir o mal.
2. Um Deus todo poderoso poderia destruir o mal.
3. O mal não é destruído.
4. Portanto, não há possibilidade de ser um Deus tão bom e poderoso.

É logicamente impossível acreditar que ambos o mal e um Deus bom e poderoso existem na mesma realidade, por esse Deus certamente poderia e iria destruir o mal. Por outro lado, o desafio evidencial afirma que, embora possa ser racionalmente possível acreditar que tal Deus existe, é altamente improvável ou improvável que Ele exista. Temos evidências de mal tanto que é aparentemente sem sentido e quanto de intensidades horrendas. Por que razão válida um Deus bom e poderoso permite a quantidade e os tipos de mal que vemos ao nosso redor?

1.1 o problema lógico do mal

O mal é um problema para todos. Qualquer visão de mundo que possamos ter, todos nós o enfrentamos, e todos nós temos de explicá-lo. No entanto, o mal parece ser um problema muito maior na cosmovisão cristã, pois esta acredita que um Deus bom, amoroso e perfeito criou o universo. Se Deus é tão bom como se diz, como pode haver mal no mundo? Por que estamos sofrendo tanto? O mal é um problema emocional para a maioria das pessoas, mas ao longo dos séculos os filósofos têm usado a existência do mal como evidência positiva contra a existência de Deus como Ele é revelado na Bíblia. David Hume, filósofo escocês do século XVIII, coloca desta forma: “Ele está disposto a impedir o mal, mas não é capaz? Então ele é impotente. Ele é capaz, mas não está disposto? Então ele é malévolo. Ele é capaz e disposto? De onde, então, é o mal?” *David Hume, Dialogues Concerning Natural Religion* (pág. 44, 2004).

Nós não queremos afirmar qualquer um deles, mas parece que não temos outras opções. Este argumento é chamado do problema lógico do mal, porque ele procura mostrar que há uma contradição lógica nas proposições:

- I. Deus é todo poderoso
- II. Deus é todo bom
- III. O Mal existe.

Se Deus é todo-poderoso, Ele deve ser capaz de parar o mal. Se Deus é totalmente bom, Ele deve ter o desejo de parar o mal (há a questão da onisciência também, mas por uma questão de simplicidade vou apenas pôr foco na onipotência e bondade, desde que seja tudo o que é necessário para mostrar a contradição possível). Portanto, se esse Deus existe, não deve haver qualquer mal. No entanto, o mal existe. Portanto, não há Deus onipotente, onisciente e amoroso.

J. L. Mackie coloca concisamente:

[...]o problema é este: Deus é onipotente, Deus é totalmente bom, e ainda o mal existe. Parece haver alguma contradição entre estas três proposições, de modo que se qualquer duas delas fossem verdade, a terceira seria falsa. Mas, ao mesmo tempo todas as três são partes essenciais da maioria das posições teológicas; o teólogo, parece que, ao mesmo tempo devem **aderir e não pode de forma consistente** aderir a todas as três (O problema do Mal, Pág. 25, 1990).

Este é um argumento extremamente poderoso contra a existência de Deus. Ele funciona? Como foi respondido no passado? Em seguida, vamos tirar do trabalho de Professor Alvin Plantinga para mostrar que não há nenhuma contradição lógica entre a existência de Deus e do mal.

A resposta do Professor Alvin Plantinga para "o problema do mal" é muito famosa por ser considerada conclusiva. Em seu argumento, ele afirma que "não há inconsistência lógica na existência de um Deus onipotente e todo bom e a existência do mal." [*Deus, O mal e a Metafísica da Liberdade*].

Em seu artigo, "*Deus, O mal e a Metafísica da Liberdade*", ele tenta mostrar que é *possível* que Deus e a existência do mal sejam apaziguados. Primeiro, ele analisou as proposições e percebeu que elas não explicitamente negam uma à outra. Vamos dar uma olhada no seguinte:

- I. Deus é onipotente
- II. Deus é todo bom
- III. O Mal existe.

Podemos falar de contradição quando uma dessas proposições nega a outra. Por exemplo, a negação de "Deus é onipotente" é "Deus não é onipotente" ou "É falso que Deus seja onipotente." Basicamente, qualquer frase que você faz, uma negação diz exatamente o oposto. No entanto, nenhum dos membros do conjunto produz tais

negações acima, por isso nenhuma inconsistência está ainda mostrada. Pessoas que se opõem a essa visão dizem que a onipotência de Deus significa que Ele tem o poder de parar o mal, e Sua bondade significa que Ele deve querer fazê-lo. Se somarmos essas proposições para o conjunto acima, ele será parecido como este:

- i Deus é onipotente
- ii Deus é todo bom
- iii O Mal existe.
- iv Uma coisa boa sempre elimina o mal na medida do possível.
- v Não há limites para o que um ser onipotente pode fazer.

Isso faz com que o argumento seja mais poderoso, mas Plantinga aponta que para que essas proposições extras funcionem, elas precisam ser necessariamente verdadeiras. Simplesmente definido, algo que é necessariamente verdadeiro não pode ser falso. Por exemplo, se eu sou menor do que A, e A é menor do que B, então, necessariamente, eu sou menor do que B. Se somarmos 2 e 2 obtemos 4, solteiros não são casados; esses podem ser considerados como exemplos de verdades necessárias. Isso quer dizer que podemos dizer que (IV) e (V) são necessariamente verdadeiras?

Se olharmos para (V), é certamente verdade que Deus é onipotente, mas o que a maioria dos teólogos e filósofos querem dizer quando dizem que Deus é onipotente? Isso significa que Deus tem todo poder. Ele pode fazer todas as coisas. Mas Ele pode criar um círculo quadrado? Ele pode criar um solteiro casado? Ele pode fazer algo que é verdadeiro e falso ao mesmo tempo? Não, Ele não pode. A razão é porque círculo quadrado ou solteiros casados são internamente incoerentes, e, portanto, não são coisas possíveis. Círculos, necessariamente, não têm cantos, e solteiros são, por definição, não casados, então um círculo com cantos ou um solteiro com uma esposa não podem existir. Uma vez que não são coisas possíveis, o fato de que Deus não pode torná-las real não diminui sua onipotência de qualquer forma. Então aqui vai a pergunta: Deus pode fazer as pessoas escolherem livremente apenas o bem? De acordo com Plantinga, isso é impossível. Deus criou criaturas livres para que eles pudessem escolher amar, mas se tiver criaturas livres, então há sempre a possibilidade de que elas vão escolher o mal. Se Deus fosse fazer com que todos sempre escolhessem o bem para evitar o mal, então Ele poderia comprometer "o livre arbítrio". Talvez Deus pensou que dando às

pele liberdade valia o risco do mal. Assim, enquanto (V) é verdadeira, ela não parece mostrar o que se propõe a mostrar.

Consideremos a proposição (IV). Uma coisa boa sempre elimina o mal na medida do possível. Para esta proposição funcionar contra o teísta, tem que ser necessariamente verdadeira, mas será que é? À primeira vista, pode parecer ser o caso, mas é sempre possível que uma coisa boa possa permitir que o mal aconteça, intencionalmente ou não. Plantinga utiliza experimentos de pensamento diversos e analogias para nos ajudar a ver isso. Por exemplo, digamos que um amigo seu, que estava dirigindo em uma tempestade de neve, ficou sem gasolina e ficou encalhado no meio do nada. Você, porém, está sentado na frente da lareira na sua sala de estar, desfrutando de uma xícara de chocolate quente. Em seu carro, que está cheio de gasolina, você tem um galão extra de gasolina no porta-mala que você usa para emergências. No entanto, você não ajuda o seu amigo. Você pode realmente ser considerado mal por não ajudar o seu amigo, apesar de ter a capacidade? Não. Você ainda pode ser bom, você só não sabia o que estava acontecendo.

Esta analogia não toca na área da onisciência. Se Deus conhecesse todos os males, é necessariamente verdade que Ele iria impedi-los todos? Não necessariamente. Vamos dizer que você tem dois amigos presos em duas ilhas separadas, ambas 50 milhas em cada lado de você. Você sabe sobre os dois, e tem a capacidade de salvar um deles, mas você não pode salvar os dois. Você não é considerado uma má pessoa, porque você não conseguiu salvar ambos, mas você sabia que ambos precisavam de ajuda, você só fez o que pôde.

Mas se nós adicionamos os dois atributos juntos? É necessariamente verdade que ambos, um Deus onisciente e onipotente iria parar o mal na medida em que Ele pudesse? Novamente, não é bem assim. Algumas coisas boas não podem existir sem o mal, por isso, talvez um evento mal que acontece leva a um bom evento que supera de longe o evento mal. Se o estado de coisas é mal necessário para que o bom estado de coisas aconteça, então se Deus parou o estado mal de coisas, Ele impediria a superação boa do estado de coisas também. Por exemplo, Plantinga diz:

[...] há pessoas que apresentam uma espécie de heroísmo moral criativo diante do sofrimento e da adversidade [...] um heroísmo que inspira os outros e cria uma situação boa de um mal. Em uma situação como esta o mal, claro, continua mal, mas do estado total de coisas [...] alguém aguentando uma dor magnificamente, por exemplo, pode ser bom. (pág. 23, 1990)

Um evento mal ainda é mal, mas a superação boa que resulta dele faz a coisa toda em última análise, um estado de coisas bom. Talvez o mal neste mundo seja feito para trazer algo melhor no longo prazo. Então Plantinga mostra que não foi provado serem inconsistentes a existência de Deus e o mal e ele vai mais longe para mostrar que eles são consistentes. Primeiro, as proposições:

- I. Deus é onisciente, onipotente e todo bom
- II. O mal existe.

Estas parecem inconsistentes. Como ambos podem existir ao mesmo tempo? Mas ele acrescenta outra proposição para elas que é consistente com (I) e implica (II), que é:

- III. Deus cria um mundo que contém o mal e tem uma boa razão para fazer isso.

Se (III) é mesmo possível, então (I) e (II) são consistentes. (III) é possível. Portanto, (I) e (II) são consistentes.

Em conclusão, Plantinga mostra que não há inconsistência lógica na existência de Deus e do mal. Há ainda a questão de como é provável a existência de Deus considerando todo o mal no mundo (problema probabilístico do mal), e embora esta discussão filosófica não represente quase nenhum conforto emocional para as pessoas que estão sofrendo, o único objetivo de Plantinga é mostrar que o mal no mundo não implica logicamente que um onipotente, onisciente, e Deus totalmente bom não existe.

1.2. O problema probabilístico do mal

Enquanto a maioria concorda que a crença em um Deus bom e poderoso é racionalmente possível, muitos afirmam que a existência de tal Deus é improvável, devido à natureza do mal que vemos no mundo que nos cerca. Eles concluem que, se esse Deus existisse, seria altamente improvável que Ele permitiria a quantidade e a intensidade do mal que vemos em nosso mundo. A maioria dos filósofos admitiu que o

problema lógico do mal não desmente o teísmo. Isso não os impede de oferecer uma versão diferente do problema do mal contra a existência de Deus. William Rowe é provavelmente o filósofo mais importante defendendo o problema do mal hoje. Ele chama esta versão do argumento do problema evidencial do mal.

O problema evidencial do mal começa com a existência do mal, mas é preciso uma estratégia diferente. Ele não procura refutar a existência de Deus por encontrar uma contradição entre a existência do mal e da existência de Deus. Ele simplesmente procura mostrar que a existência de Deus é improvável, dada a espécie de males, a quantidade do mal, e assim por diante. O fato sobre o mal é que ele é muito mais numeroso e em maior intensidade do que justificaria permitir escolhas livres dos seres humanos. Mesmo que o livre-arbítrio humano explique algum mal, o mal não parece ser explicado tão facilmente assim. Mesmo que haja boas razões para Deus permitir algum mal, todo o mal é explicado tão facilmente? E quanto a alguns casos em que um pouco menos de mal teria feito a mesma finalidade? Será que precisamos ter todos os tipos do mal? Será que ele precisa ser tão generalizado como ele é? Será que os casos individuais do mal precisam ser tão ruins como são?

O problema evidencial do mal apresenta o montante fixo dos fatos sobre o mal como sua evidência inicial. Não conclui que isso revela que Deus não existe, como o problema lógico fez. Ele simplesmente vê este montante fixo de todos os fatos sobre o mal como uma evidência muito forte contra a existência de Deus. Evidência muito forte ainda não é uma prova. Claro, se ela é uma evidência muito forte, e a evidência não pode ser combatida com explicações alternativas, então talvez ninguém deva acreditar em Deus. Nós podemos ser capazes de chegar a explicações para uma boa dose de mal no universo, mas isso não significa que nós explicamos tudo. Se parece não haver nenhuma boa explicação para uma boa parte do mal que podemos observar, isso não é um bom sinal que algum mal que realmente não têm explicação é bom? Se isso for verdade, então não há provavelmente nenhuma razão para que um ser bom permita isso. Portanto, provavelmente não existe tal ser assim.

1.2.1 Será que Deus tem razão suficiente para permitir o mal?

A resposta teísta ao problema do mal dedutivo baseia-se na alegação de que é possível que Deus tenha uma boa razão para todo o mal que Ele permite. Se é possível que Deus tenha uma razão suficiente, o argumento dedutivo é derrotado. O problema

evidencial do mal apresenta uma pergunta diferente. A questão é se é provável que Deus tenha uma razão suficiente para o mal que vemos. Há casos de mal intenso que parecem ser completamente gratuitos ou insensatos. Exemplos de males que se encaixam nessa argumentação são coisas como animais sofrendo dor intensa em um incêndio florestal, os crimes brutais e outros males terríveis. O argumento aponta que parece que não há nenhuma boa razão para permitir esses casos do mal. Estes parecem tornar impossível ou, pelo menos, improvável que Deus exista. A estrutura básica deste tipo de argumento é a seguinte:

- I. Se houver mal injustificado (mal que Deus não tem uma boa razão para permitir), Deus não existe.
- II. Provavelmente existe o mal injustificado.
- III. Portanto, provavelmente Deus não existe.

A segunda premissa é a premissa-chave na compreensão deste argumento. Por que devemos aceitá-la? Como poderíamos saber que é verdade? O argumento para essa premissa é seguinte:

- IV. Parece que Deus poderia não ter nenhuma boa razão para permitir este mal.
- V. É provavelmente verdade que Deus não tenha nenhuma razão para permitir isso.

Este salto é justificado? Aqueles que acham o argumento contra a existência de Deus a partir do mal gratuito convincente acreditam que este salto é justificado. E é óbvio que alguns não acreditam. Pode ser verdade que ninguém saiba de uma boa razão para permitir um mal particular, mas isso não significa que não há nenhuma razão ou que deveríamos acreditar que não há nenhuma razão.

Assim, o argumento é que o mal para o qual parece que não há nenhuma boa razão é contra a existência de Deus.

Não podemos dizer sobre a veracidade disso, mas ele tem sido capaz de mostrar que é possível conciliar a existência de Deus e do mal. Como ele explica isso? A sua explicação pode mostrar se é verdade ou provável? Filosoficamente, os argumentos de Plantinga fazem sentido, mas eles exibem implicações teológicas e estes podem levar a um desacordo de pessoas que o tornam teologicamente imperfeito.

1.2.2 Respondendo o problema evidencial

A resposta básica teísta é negar que IV nos dá boas razões para acreditar em V.
Em outras palavras,

IV. PARECE que Deus não poderia ter nenhuma boa razão para permitir este mal.

Não oferece suporte a:

V. É provavelmente verdade que Deus não tenha nenhuma razão para permitir isso.

Por que um teísta acha que 4 não oferece suporte a 5? Às vezes, este tipo de raciocínio é um raciocínio bom e às vezes não é. Por exemplo:

VI. Parece que não há elefantes nesta sala

Oferece suporte a

VII. Não há provavelmente nenhum elefante nesta sala

Mas o que se diz sobre

VIII. Parece que não há átomos de carbono 14 nesta sala

Esta não oferece suporte a

IX. Provavelmente não há átomos de carbono 14 neste mundo.

Qual é a diferença? A diferença entre elefantes e átomos de carbono 14, a este respeito, pode ser explicada da seguinte forma. Considere a frase:

X. Se estivesse qualquer X nesta sala, nós saberíamos provavelmente.

A frase é verdadeira quando se trata de elefantes e é falsa quando se trata de átomos de carbono 14. Se houvesse um elefante ao vivo nesta sala nós provavelmente saberíamos disso. Agora, há uma boa razão que Deus poderia ter para permitir mais algum mal, como um elefante ou um átomo de carbono 14? É mais razoável acreditar que eu seria capaz de descobrir se ele está lá ou que eu não seria capaz de descobrir isso? O seguinte é verdade:

XI. Se Deus tivesse uma razão para permitir este caso particular do mal, provavelmente saberíamos o que é.

Já que o conhecimento e sabedoria de Deus estão tão longe além da nossa, é eminentemente razoável supor que Ele terá razões que não podemos compreender para permitir os males em nossas vidas. Não é que não podemos descobrir algumas das razões que Deus tem para alguns males. Na verdade, podemos descobrir, pelo menos, razões plausíveis para a maioria do mal. Ainda haverá alguma razão para o mal que não

podemos discernir. Este é exatamente o que devemos esperar, se existe um Deus. Isso não pode ser contado como evidência contra Deus.

Assim, mesmo que possa parecer, à primeira vista, que não há boas razões para permitir certos males que vemos, este não fornece fortes evidências de que esses males são realmente injustificados. O mal, então, não é uma forte evidência contra a existência de Deus.

1.2.3 O mal gratuito (o mal injustificado)

Antiteístas que reconhecem que o mal não é inconsistente com a existência de Deus, muitas vezes argumentam que a presença do mal torna altamente provável que Deus não existe. Em conexão com esta tese é o chamado mal gratuito. Trata-se da questão sobre a existência e a justiça de Deus. O mal gratuito é aquele que não serve a nenhum propósito, ou não tem nenhum efeito no plano de Deus que poderiam ser servidos sem aquela determinada instância ou grau de mal. Um mal gratuito, neste sentido, é um estado de coisas que não é (logicamente) necessário para a realização de um bem maior ou para a prevenção de um mal, pelo menos, tão ruim.

William Rowe, por exemplo, argumentou que o mal gratuito seria, se existisse, apresentaria um sério desafio ao teísmo tradicional e que há provavelmente mal gratuito no mundo. Seus argumentos para o ateísmo, "baseado na profusão de uma do mal" é a seguinte:

I. Existem casos de sofrimento intenso que um ser onipotente, onisciente poderia ter evitado, sem por isso perder um bem maior ou permitir algum mal igualmente ruim ou pior.

II. Um ser onisciente, sendo totalmente bom impediria a ocorrência de qualquer sofrimento intenso.

Então

III. Não existe um Deus onipotente, onisciente, sendo totalmente bom.

Chamamos esses males do tipo descrito "males gratuitos": eles não são justificados por qualquer bem compensado ou prevenção de um mal maior, mas são

simplesmente sem propósito positivo. Claramente, os males gratuitos são incompatíveis com Deus, por definição. Que tipos de males, sem dúvida não contam como gratuito, mas (poderiam) servir a um bem maior? Alguns exemplos são:

1) Ação humana livre - Embora façamos mau uso de nosso livre arbítrio, por vezes, é melhor para nós possuí-lo do que não, porque então nós também podemos livremente escolher o bem, o que é realmente valioso.

2) Males de ordem inferior que permitem bens de ordem superior - A existência de males de primeira ordem como a dor são necessários para a existência de bens de segunda ordem como a empatia.

3) Males da formação de Alma - Alguns males acabam nos beneficiando, servindo como desafios a enfrentar e superar, fazendo-nos moralmente melhores no processo. Esses males (possivelmente) não são gratuitos e, portanto, (possivelmente) não contam como evidência contra a existência de Deus.

Há ainda males gratuitos, no entanto. O exemplo de Rowe é “um veado sendo atingido por um raio em uma floresta e morrendo em lenta agonia.” (Rowe 1979: 337) Males deste tipo parecem ser claramente gratuitos: eles não são causados pela ação humana, eles não fazem possível quaisquer bens de ordem superior que não teriam acontecido, e não são propícios ao desenvolvimento moral do ser humano (formação da alma). Não há nenhuma razão para pensar que eles servem a um propósito de qualquer tipo. Eles são, portanto, gratuitos, ou, na ausência de qualquer razão para pensar que eles não estão, estamos justificados em acreditar que eles são, a crença em Deus torna-se injustificada. Se a questão do veado morrendo não faz isso, há uma abundância de outros exemplos. Qualquer desastre natural que leva a vida humana vai fazer, realmente. AIDS e defeitos de nascimento se qualificam também.

3. Defesa do livre-arbítrio

No entanto, a resposta mais comum para o problema do mal é o argumento de que o mal é devido ao livre-arbítrio humano. Isto é, Deus não é responsável pelo mal que ocorre no mundo, mas sim, os seres conscientes, porque eles, em algumas ocasiões em que há uma escolha moral significativa e têm a capacidade de exercer o livre arbítrio significativo, irão escolher o mal. Neste caso, o argumento parece ser que Deus sabe

que o mal ocorre, e Deus não quer que o mal ocorra, e Deus tem a capacidade de impedir o mal, mas o mal ainda existe porque Deus quer que os seres humanos tenham livre-arbítrio significativo. Nesse caso, o livre arbítrio significativo parece ser tão bom que seria melhor para o mundo contê-lo e o mal que ocorre como resultado dele, em vez de um mundo que não contém nenhum mal, mas ao mesmo tempo nenhum livre arbítrio significativo.

No entanto, esta resposta não é adequada, pois em algum sentido, parece que o livre arbítrio é logicamente inseparável do mal, o que claramente não é. Por exemplo, eu posso, na primeira decisão moral que eu enfrento na minha vida, optar por fazer o bem. Da mesma forma, na segunda opção eu enfrento, eu posso escolher fazer o bem novamente, e assim por diante *ad infinitum*. É muito parecido com jogar uma moeda honesta. É certamente muito pouco provável que uma moeda poderia surgir cara em cada único lance que já ocorreu, mas, no entanto, não é logicamente impossível. Da mesma forma, pode ser altamente improvável, mas não logicamente impossível, que para todos os seres humanos, e para cada escolha significativamente livre, o bem ocorrerá. Uma vez que Deus é onipotente, Deus poderia ter criado um mundo no qual os seres humanos têm livre-arbítrio, e o mal não existe. Em caso afirmativo, por que Deus não cria um mundo assim?

O argumento precedente pode ser estruturado da seguinte forma:

- 1.) Existe um mundo possível que contém tanto o livre arbítrio significativo e nenhum mal
- 2.) Para qualquer mundo possível, um Deus onipotente poderia tê-lo criado
- C.) Logo, Deus poderia ter criado um mundo que continha tanto o livre arbítrio significativo e nenhum mal.

Essencialmente, é o ponto crucial da resposta de Mackie para a defesa do livre-arbítrio, e se aceitarmos o argumento como significativo, então somos forçados a concluir que a defesa do livre-arbítrio não é uma solução adequada para o problema do mal. Porque o livre-arbítrio e o mal são logicamente separáveis, e a anterior não precisa exigir o último, é legítimo dizer que é possível ter o livre arbítrio significativo e não o mal. A única maneira pela qual se pode refutar esse argumento é negar uma das premissas, que é precisamente o que Plantinga faz, em sua tese de depravação trans-mundial.

Plantinga não argumenta que um Deus perfeito e o mal ambos existem, como outros poderiam argumentar, mas apenas que os conceitos de um Deus perfeito e da

existência do mal são logicamente consistentes, que é o cerne do argumento inteiro de Mackie. Plantinga, portanto, não resolve o problema do mal em si, mas apenas demonstra que uma pessoa que formula o problema como Mackie fez vai lidar com problemas. Plantinga levanta questões na segunda premissa, ou seja, que para qualquer mundo possível, um Deus onipotente poderia tê-lo criado. Plantinga chama esta suposição falaciosa de "Lapso de Leibniz", e demonstra que, em alguns casos, existem mundos que são certamente possíveis, pelo menos em um sentido teórico, mas incapaz de ser atualizado por um Deus onipotente.

Aqui está um esboço do argumento de Plantinga para depravação trans-mundial: Suponha que eu esteja diante de uma escolha moral significativa, e possa optar por fazer X (bom) ou optar por fazer Y (o mal). Dadas certas condições, eu vou sempre escolher X. Se eu escolher X sob certas condições, Deus pode atualizar um mundo com as mesmas condições que não inclui a ação de eu fazer essa escolha (a que Plantinga se refere como um "segmento mundial máximo"), mas não pode obrigar-me a escolher Y, sem comprometer o meu livre-arbítrio. Isto parece ser verdade, porque para qualquer mundo que Deus poderia atualizar, que incluiu um segmento mundial máximo, mas não incluem a minha escolha moral sempre existe um mundo possível em que eu vou fazer errado, e assim eu vou fazer errado em pelo menos uma ocasião (ou pelo menos a possibilidade existe, que Deus não pode evitar, sem comprometer o meu livre arbítrio). Assim, certamente parece possível que um mundo com livre arbítrio e não o mal poderia existir, mas só nós, na medida em que somos criaturas significativamente livres, e não Deus, podemos atualizar tal mundo se Deus fosse atualizar tal mundo, então Deus estaria comprometendo o nosso livre arbítrio. Portanto, mesmo que Deus seja onipotente, Deus não pode atualizar tal mundo, se Deus quiser manter que o livre arbítrio é tão bom que é imperativo tê-lo.

No entanto, o argumento de Plantinga levanta questões importantes a respeito de Deus. Pode-se argumentar que o argumento só parece aplicar-se às criaturas, mas parece que o argumento se aplica particularmente às criaturas na medida em que elas têm a capacidade de existir em diferentes mundos possíveis. A posição de Plantinga pode ser interpretada assim: Deus também tem a competência de existir em diferentes mundos possíveis. Assim, parece justo para ser capaz de aplicar o argumento a Deus, porque Deus pode existir em diferentes mundos possíveis e pode fazer diferentes escolhas morais possíveis nestes mundos - Deus pode optar por fazer os céus e a terra,

ou Deus poderia criar algo totalmente diferente. Ele poderia escolher dotar os seres humanos com livre arbítrio, ou ele pode escolher não o fazer.

Pode-se dizer que Deus é onipotente, e assim Deus pode conceber e livremente escolher o mal. Alguns teólogos responderam que Deus não pode ter a capacidade de escolher livremente o mal, devido à bondade suprema de Deus, e porque representa uma imperfeição. Mas claramente isso não acontece, pois parece evidente que é uma perfeição máxima a mais para ser capaz de escolher o mal e não escolhê-lo ao invés de não fazê-lo simplesmente porque não se tem a capacidade. Muito da mesma forma, parece que é muito melhor escolher livremente não roubar, sem desincentivos que não roubar porque o proprietário da loja está ameaçando com uma arma.

Mas, se Deus de fato não pudesse escolher o mal, então Deus não seria livre, e assim Deus não seria onipotente, porque um Deus onipotente seria capaz de conceber e escolher livremente tudo o que é logicamente consistente. Se Deus pode conceber e livremente escolher o mal, mas nunca o faz, então parece possível que Deus pode efetuar criaturas que podem concebivelmente e livremente escolher o mal, mas nunca o fazem. Isso parece possível, dado que um ser perfeitamente bom, mesmo com livre-arbítrio significativo, nunca escolhe o mal e um Deus onipotente, que é um ser perfeitamente bom, é capaz de criar um ser perfeitamente bom, que como tal nunca escolhe o mal. Então, não haveria nenhum mundo possível em que um ser perfeitamente bom escolhesse o mal, pois se houvesse um mundo assim, então não seria o caso de que o ser fosse extremamente bom. Se Deus não pode realizar tal criatura, parece que Deus não é onipotente, e assim, não é perfeito. Se Deus sabe o que é bom e nada o impede de fazer o que é bom, então ele não escolhe o mal porque não pode, mas porque sempre vai escolher o que é bom, mesmo que isso tenha consequências aparentemente desagradáveis para suas criaturas.

Suponhamos, porém, que mesmo para um ser perfeitamente bom, existe um mundo possível no qual esse ser escolhe o mal pelo menos em uma ocasião. Então seria justo dizer que se existisse um mundo possível em que Deus escolhesse o mal em pelo menos uma ocasião, então ao que parece pelo argumento de depravação trans-mundial de Plantinga, Deus não poderia atualizar um mundo no qual Deus pode conceber e escolher livremente o mal, mas nunca faz. Deus, ao que parece, pode concebivelmente e livremente escolher o mal, mas nunca faz, mas se Deus realmente escolher o mal em pelo menos uma ocasião, então Deus é responsável por pelo menos um mal, caso em que Deus não é perfeito. Portanto, Deus não pode atualizar no mundo atual, caso em

que Deus não existe. Se Deus, no entanto, poderia atualizar um mundo com um Deus significativamente livre, mas nenhum mal, então também parece que Deus seria capaz de atualizar um mundo com criaturas significativamente livres, mas nenhum mal, que entraria em contradição com a essência do argumento de Plantinga. Como eu mencionei acima, criaturas significativamente livres e más são logicamente separáveis, e assim podemos ter a primeira sem a segunda.

O problema está em que Deus não é limitado em sua capacidade de fazer o bem como são os humanos, que são seres essencialmente corpóreos. Com tudo dito, pode observa-se que o problema do mal não se resolve com o problema probabilístico e livre arbitro. Isso nos leva às teodiceias que será o assunto do capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2: JOHN HICK E A TEODICEIA DA FORMAÇÃO DA ALMA

1 Respostas aos argumento do mal

1.1. Teodiceias

Teodiceias lidam com o problema do mal. Geralmente é uma tentativa de mostrar que é possível afirmar a onipotência de Deus, o amor de Deus, e a realidade do mal, sem contradições. Pode-se dizer também que é uma justificação racional de Deus. Teodiceia aponta para todas as investigações destinada a explicar a existência do mal e justificar a bondade de Deus. A existência do mal, fato verificável da experiência diária, e especialmente o sofrimento de crianças sempre foi um dos argumentos mais fortes e mais frequentemente utilizados contra a existência e bondade de Deus. O tema é muito antigo, tão antigo quanto a própria humanidade. As mitologias antigas, normalmente colocam ao lado de Deus, o criador e princípio da ordem ou cosmos, um Deus secundário, mas poderoso, e o princípio de desordem e caos, responsável pelo mal. A Bíblia e a teologia do pecado original, também deram uma resposta consistente com o monoteísmo, que é feita pelo homem, juntamente com os poderes demoníacos, o chefe de todos os males: o sofrimento do justo é o tema de um capítulo da Bíblia, Jó. Dualismos eram muito comuns, mesmo dentro da era cristã, como por exemplo maniqueísmo. Platônicos e neoplatônicos foram também dualistas, vendo a questão como princípio da imperfeição, a responsável do mal. St. Agostinho, Scotus, Tomás de Aquino, etc., lidam extensivamente com o assunto, prevalecendo sempre na Idade Média, a doutrina agostiniana do mal. como "falta de bem" ("*non est ergo maluum nisi privatio boni*"). O racionalismo de Spinoza, e Leibniz, também levantou esta questão diretamente. Se Deus existe e se esse Deus é necessariamente bom, que explicação pode ser dada para a existência do mal? Não é mais consistente negar a existência de Deus e admitir o absurdo do mundo e da vida? Teodiceia é, portanto, a resposta filosófica para esta questão. E Teodiceia mostrar que nem a existência de Deus e Sua bondade são afetados pela existência do mal.

Notamos, entretanto, que o conteúdo semântico do termo teodiceia não cobre completamente todos os problemas que surgem em uma reflexão filosófica sobre Deus.

O conceito tradicional de teodiceia aborda o problema de Deus de uma visão parcial, o problema do mal, e esquece problemas mais gerais, como a possibilidade do conhecimento de Deus, os argumentos para a sua existência, seus atributos, e assim por diante. E chamamos teodiceia precisamente esta abordagem em geral.

O argumento dos céticos em geral é que, dada a realidade do mal, devemos sacrificar ou o poder (onipotência), ou o amor (bondade) de Deus. Aí surge o dilema. Se desistir da onipotência de Deus, parece que Deus não pode impedir ou vencer o mal. Se renunciar a bondade de Deus, parece que Deus não vai impedir ou vencer o mal. A maioria das teodiceias tenta mostrar que este dilema é apenas aparente e que é possível afirmar tanto que Deus é todo-poderoso e perfeitamente amoroso, apesar da presença do mal real no mundo.

Antes de prosseguir, devemos notar que alguns teólogos cristãos como Agostinho por exemplo se recusam a aceitar a definição do problema nestes termos. Eles argumentam que o mal é uma realidade prática que requer recursos que nos permitam lidar com ele e superá-lo. Esta ideia acima oferece para aqueles que têm fé e procuram amar Deus e os outros. Esses teólogos afirmam que definir o mal como uma questão teórica que apresenta dificuldades em relação à existência ou a caráter de Deus é tomar um passo em falso e que não leva a consequências boas. Por isso, esta solução para a questão da teodiceia que é um problema teórico, em primeira instância e, portanto, não exige uma solução nestes termos. Outra maneira de colocá-lo é dizer que eles é bastante dispostos a deixar a questão de conciliar a realidade do mal com o poder e a bondade de Deus que permaneceria como mistério puro e dedicar sua atenção à questão de lidar com o mal de boa fé. Todos concordariam que o mal é uma preocupação prática. Precisamos de recursos que nos permitam lidar com ele. No entanto, muitos teólogos afirmam que o sofrimento tem também uma dimensão teórica. A fé deve buscar entendimento, bem como a vitória sobre o mal. Esses pensadores tipicamente procedem para oferecer uma série de "apelos" que diminuem, se não eliminam a aparente contradição.

Alguns dos "apelos" na maioria das vezes feitos são:

- I. O sofrimento é um castigo para o "pecado".
- II. Somos criaturas de carne e osso que são vulneráveis a acidentes, doenças e outras agressões destrutivas sobre a nossa existência e bem-estar.

- III. Somos seres morais livres e o uso indevido da nossa liberdade pode causar danos a nós mesmos ou aos outros.
- IV. O sofrimento é projetado por Deus para ser uma parte do mundo, para que, enfrentando os desafios que o mal apresenta, possamos nos mover livremente em direção à perfeição moral, que é objetivo de Deus para nós.
- V. Vivemos em um mundo que cumpre as leis da natureza contendo muitos seres que interagem uns com os outros. Interações destrutivas e consequências que são obrigados a seguir. No entanto, é esse caráter de cumprir tais leis que nos permite aprender e para realizar nossos propósitos.
- VI. O mundo tem um excelente design, dentro dos limites do que é realmente possível. Qualquer outro projeto provavelmente teria produzido uma relação menos favorável de bem em relação ao mal. A versão mais forte desse argumento insiste que este é o melhor dos mundos possíveis.
- VII. Satanás (o ser sobre-humano com livre-arbítrio errado) é a causa de muito sofrimento e do mal no mundo.

A partir de tais recursos, pode-se argumentar que os fatores que fazem o mal provavelmente são essenciais para a existência de um mundo em tudo e/ou para a excelência de seu projeto. Por exemplo, o fato de que Deus nos fez livre é uma boa característica do mundo que nós não queremos mudar. Mas isso significa que os seres humanos e Satanás, que mal usaram essa liberdade podem causar grande sofrimento. Em suma, qualquer mundo bom levaria com ele a possibilidade do mal. Portanto, se é para ser um mundo, e um mundo bom, o mal é uma característica provável do mesmo, mas isso não de jeito nenhum opor-se ao poder ou à bondade de Deus.

Enquanto aqueles que fazem acreditar que estes "apelos" percorrem um longo caminho para dar uma resposta à pergunta de por que há tanto mal no mundo que um Deus todo-poderoso e amoroso criou, a maioria admite que ainda estamos longe a partir de uma solução completa. Assim, o "apelo" final é, normalmente, ao mistério. Neste ponto, eles se juntam aos que se recusam a ver o mal como uma questão teórica, em primeiro lugar. Nem todo mundo usa todos esses "apelos", e pode haver outros. Muitos teólogos modernos, por exemplo, teriam dificuldade em se referir ao sofrimento como um castigo pelo pecado, e muitos não acreditam em Satanás literalmente.

Todas as propostas acima assumem todos os três elementos no framework básico: onipotência, bondade perfeita, e a realidade do mal gratuito. Outro conjunto de propostas modifica um ou mais desses fatores. Alguns questionam a bondade de Deus. Outros qualificam ou rejeitam a onipotência em favor de um Deus limitado. Outros ainda insistem que o que nos aparece como puramente mal serve para um propósito justificando que só Deus conhece ou tem os meios necessários para um bem maior e a compensação que não poderia ser de outra maneira. Ao longo destas linhas, uma forte tradição na teologia clássica insistiu que Deus permitiu o mal como um meio para um bem maior. A vantagem dessas abordagens é que eles dão uma solução racional para o problema da teodiceia muito mais fácil. Além disso, ainda se pode fazer os mesmos apelos que já foram listados, se isso se provar útil. As desvantagens, entretanto, são consideráveis. Obviamente, questionando tanto a onipotência ou bondade perfeita em Deus coloca-se fora do *mainstream* da tradição cristã. Além disso, cada alternativa não-ortodoxa vem com um custo. Questionar a bondade divina faz a fé difícil, pois um Deus moralmente ambíguo não é totalmente confiável. A onipotência ameaça comprometer a esperança já que um Deus limitado no poder pode não ser capaz de superar todos os males e garantir a vitória final da justiça e da bondade.

Com isso, podemos considerar as variedades de teodiceias que nos são apresentadas por alguns dos filósofos de renome como John Hick, Santo Agostinho e demais e depois olhar para as críticas de cada um desses pontos de vista.

As opiniões são as seguintes:

- I. A Teodiceia agostiniano (Teodiceia da decisão da Alma).
- II. A Teodiceia do Irineu
- III. A Teodiceia da Formação de Alma
- IV. A Crítica da Teodiceia da formação da Alma

1.1.1 A teodiceia agostiniana (teodiceia da decisão da alma)

A partir das narrativas de Gênesis 1-3, a teodiceia de Agostinho argumenta que Deus criou o mundo e foi perfeito, sem nenhum mal ou sofrimento. Gênesis 1:31: "Deus viu tudo o que tinha feito e viu que era muito bom". Agostinho definiu o mal como a privação do bem, assim como a cegueira é uma privação da visão. Uma vez que o mal não é uma entidade em si, assim como a cegueira não é uma entidade em si, Deus não

poderia tê-los criado. Em vez disso, o mal se origina do livre-arbítrio, possuído por anjos e seres humanos, que viraram as costas para Deus e se estabeleceram para uma forma menor de bondade, criando assim uma privação do bem, como a narrativa em Gênesis 3 tenta explicar. Como resultado, o estado de perfeição foi arruinado pelo pecado.

O mal Natural: Ocorreu devido à perda da ordem na natureza, definido por Santo Agostinho como "consequências penais do pecado".

O mal Moral: Derivado do livre-arbítrio humano e desobediência. Agostinho argumentou que todos os seres humanos são dignos do castigo do mal e do sofrimento porque estamos "seminalmente presentes nos lombos de Adão", merecedor do castigo do pecado original. Deus tem o direito de não intervir e acabar com o mal e o sofrimento, pois ele é um Deus justo e nós somos dignos de punição. É por sua graça e amor infinito no entanto, que nós (alguns de nós, aqueles a quem ele escolhe para dar graça) somos capazes de aceitar a sua oferta de salvação e vida eterna no céu.

Uma das principais críticas da Teodiceia agostiniana afirma que é logicamente contraditória a alegação de que um mundo perfeitamente criado deu errado, uma vez que isso implica que o mal se criou "*ex nihilo*", que é uma contradição lógica. Ou o mundo não era perfeito para começar ou Deus o fez dar errado, então é Deus e não os seres humanos que têm culpa, e a existência do mal não se justifica.

Se o mundo fosse perfeito e não havia conhecimento do bem e do mal, como poderiam Adão e Eva ter a liberdade de desobedecer a Deus se o bem e o mal eram ainda desconhecidos? A desobediência de Adão e Eva e os anjos implica que já era do conhecimento do bem e do mal. A interpretação de Agostinho da árvore do conhecimento, portanto, é questionável.

I O mal como *Privatio Boni*.

Modelo de privação de Agostinho baseou-se na bondade de Deus e da criação de Deus de todas as coisas como boas. Além disso, Agostinho no livro "*Evil and the God of Love*" do Hick, argumentou que se o mal é a privação ou falta do bem, então na medida em que algo existe, que em si é bom, qualquer outra coisa que não tem pode ser pertinente neste caso.

[...] de acordo com o princípio da plenitude, há valor possível na existência de menos exaltado, bem como formas

mais exaltado da criatura do ser em uma escala bem ordenada. (Pg. 47)

O resultado é que não há nada existente que é totalmente do mal, uma vez que tal coisa seria nada. Por um lado, esta visão afirma a humanidade, dignidade e bondade das pessoas com deficiência, sem insistir que as deficiências são necessariamente boas. Por outro lado, para algumas pessoas com deficiências, suas deficiências não são meramente a falta de habilidade, nem a falta de algo mais, mas sim, suas deficiências são realidades palpáveis que não podem ser explicado através da noção de *privação*. Para eles, a noção do mal como falta, embora talvez filosoficamente interessante, não seja nem fenomenologicamente nem existencialmente satisfatória.

[...]O mal não tem natureza positiva, mas a perda do bem [**amissio boni**] recebeu o nome de "mal". O mal é negativo, uma falta, uma perda, uma privação. O que afinal de contas, é qualquer coisa a que chamamos o mal, exceto a privação do bem? Em corpos de animais, por exemplo, doenças e ferimentos não são nada a mais que a privação de saúde. Quando a cura é efetuado, os males que estavam presentes (ou seja, a doença e as feridas) não recuam e vão para outro lugar. Ao contrário, eles simplesmente não existem mais. Por tal mal não é uma substância que, como uma substância, é bom. (Pg. 47-8)

Falando de "medida, forma e ordem" (modus, species, ordo) como constituindo a bondade de uma criatura, Agostinho diz que o mal é: nada mais que a corrupção da medida natural, forma ou ordem. O que é chamado uma natureza má é uma natureza corrupta. Mas quando ela está corrompida, na medida em que continua a ser uma coisa natural, é bom. É só ruim na medida em que está corrompido. (Pg. 48)

Finalmente, talvez o modelo mais desafiador teológico para pessoas com deficiência seja aquela associada com ou implícita na doutrina da soberania divina. Evidentemente, existem alguns que passaram a concordar com a sua deficiência como desempenhando um papel importante no plano geral de Deus. O problema surge, no entanto, quando as pessoas com deficiência são contadas pelos não-deficientes que sua deficiência fazem parte do plano de Deus para suas vidas. É uma coisa para um indivíduo passar a aceitar sua deficiência como o resultado das intenções de Deus, e abraçar esta como a sua própria confissão, é outra bem diferente para as outras serem contadas por pessoas bem capazes de corpo que Deus tem, basicamente, escolhido infligir a sua deficiência por razões Dele. Neste último caso, em vez de concluir que Deus pode realmente ser de confiança, Deus pode se tornar aquele que, por nenhuma razão aparente, tem escolhido arbitrariamente destruir suas vidas. Há questões pastorais

envolvidas aqui, mas a questão fundamental permanece teológica: ou Deus não escolheu me fazer do jeito que eu sou?

Já considerada a primeira grande teodiceia para tentar uma resolução do problema - e de ter encontrado este inadequado porque ele ainda deixa Deus implicado nos sofrimentos da humanidade, seja diretamente no caso do mal não-moral ou indiretamente no caso do mal moral. Voltemo-nos agora para a segunda grande teodiceia. Tomando emprestada e usando a frase que é geralmente chamado de argumento da formação da alma. Seu principal expoente contemporâneo desta teodiceia é o filósofo Inglês e teólogo John Hick, mas o argumento é antiga e olha de volta para o trabalho de Santo Irineu, primeiro bispo de Lyon, e o mais importante teólogo do segundo século.

1.1.2 Teodiceia de Ireneu (teodiceia da formação da alma)

Uma das contribuições mais importantes de Hick à teologia filosófica é a sua teodiceia da "formação da alma", apresentada pela primeira vez em sua obra, *Evil and the God of Love*. Ele passa a maior parte deste trabalho interagindo com o que ele chama de tipo tradicional agostiniana da teodiceia, em que finitamente seres humanos perfeitos em um tempo remoto da história caiu de perfeição, usando seu livre arbítrio para se afastar de Deus, um ato de rebeldia que precipitou o mal e o sofrimento no mundo. Hick encontra esta resposta a ser inadequada devido à sua base em uma leitura estritamente literal da conta da queda encontrado em Gênesis capítulo três. De acordo com Hick, é muito difícil levar a história da queda de Adão e Eva, literalmente, à luz da evidência científica para a evolução. Além disso, ele encontra a visão tradicional incapaz de fazer sentido de "criaturas finitamente perfeito que saem de toda a glória e bênção do Reino de Deus" (*Evil and the God of Love*, 2nd Ed. [EGL], 280). Pois, se tal criatura viveu "cara a cara com plenitude infinita de ser, ilimitadamente vida dinâmica e poder, e insondável bondade e do amor, parece haver um absurdo na ideia de ver sua rebelião como uma possibilidade" (EGL, 278). No entanto, se em vez tal criatura "não existe em tal proximidade a Deus, mas sim em um mundo (ou angelical) humano em que a realidade divina não é inequivocamente manifesta para ele", então parece que as circunstâncias são "ponderados contra a criatura ", e pecar" é agora um pouco mais do

que uma mera possibilidade "(EGL, 279). De acordo com o entendimento de Hick da visão tradicional agostiniana e, em seguida, "A queda da criatura é impossível, ou então tão possível quanto a ser desculpável" (EGL, 280).

Ao invés de utilizar uma defesa de livre arbítrio tradicional, que inclui o conceito de uma queda literal, Hick adota uma abordagem evolutiva para falar da educação da humanidade em desenvolvimento moral. Em contraste com o tipo de teodiceia agostiniana que olha para trás a um ponto remoto de perfeição na história humana, teodiceia de Hick é decididamente escatológico-ansiosa para a perfeição futuro no Reino celestial de Deus. Embora Hick admita que o tipo agostiniano foi o dominante em toda a história cristã - com os defensores na Igreja Católica, bem como a tradição protestante - Hick encontra outro tipo a minoria primeiramente defendida pelos Padres Helenísticos ou Orientais e, em seguida, re-emergentes no século XIX, o pensamento de protestante liberal Schleiermacher. Ele chama esta visão a teodiceia do tipo Irineu (em homenagem ao Irineu) em quem Hick encontra o germe de sua teodiceia. De acordo com o tipo de Irineu, os seres humanos não foram criados em um estado perfeito em um ambiente idílico, mas são sim em um processo contínuo de criação ou desenvolvimento de criaturas moralmente imaturo para os moralmente aperfeiçoado. Assim, Deus criou o mundo - com todo o seu potencial do mal e o sofrimento para servir como um "vale de formação da alma." Hick afirma que "é um julgamento eticamente razoável que a bondade humana lentamente construída através de histórias pessoais de esforço moral tem um valor nos olhos do Criador que justifica até mesmo o trabalho de parto longo do processo de formação de alma "(EGL, 256). Ele argumenta ainda,

Os homens não devem ser pensados na analogia de animais de estimação animal, cuja vida deve ser feita o mais agradável possível, mas sim sobre a analogia de crianças humanas, que estão a crescer até a idade adulta em um ambiente cuja principal e primordial propósito não é prazer imediato, mas a concretização das potencialidades mais valiosas da personalidade humana. (EGL, 258).

De acordo com Hick, a história da queda humana é uma forma mitológica de descrever a situação humana atual. Seres humanos são dados um certo nível de autonomia do seu criador, em virtude de ser criado em uma "distância epistêmica" de Deus. É possível para os seres humanos conhecerem a Deus, mas eles só podem fazer isso por exercer livremente uma fé-resposta, que para Hick consiste "em uma atividade interpretativa não-forçadas em que experimentamos o mundo como mediadora da

presença divina" (EGL, 281). Os seres humanos são cognitivamente livres para viver como se o mundo natural é tudo o que é, mas aqueles que interpretam o mundo religiosamente, respondendo a Deus na fé pode ser desenvolvida lentamente à semelhança de Deus. Irineu argumenta que Deus criou o mundo imperfeitamente para que toda criatura imperfeitamente imatura pudesse se crescer através do processo da formação da alma ao 'filho de Deus', em perfeita semelhança de Deus. (EGL, Pág. 213)

Foi por esta razão que o Filho de Deus, embora Ele era perfeito, passou pelo estado de infância em comum com o resto da humanidade, partilhando-lo, portanto, não para seu próprio benefício, mas para aquele do estágio infantil da existência do homem, a fim de que o homem pode ser capaz de recebê-Lo. Nossa vida atual é, portanto, retratado como uma cena de crescimento espiritual gradual. (EGL, Pg. 213).

Para Irineu, Deus não poderia ter criado humanos em perfeita semelhança de Si porque para atingir a uma semelhança de Deus, requer a cooperação dos humanos. Então Deus teria que dar ao humanos livre arbitro para que eles se dediquem a cooperar. Uma vez que a liberdade requer a habilidade de escolher o bem acima do mal (uma afirmação controversa: veja abaixo), Deus teria que permitir a ocorrência do mal e sofrimento. Irineu concluiu que, eventualmente, o mal e o sofrimento serão superados e os seres humanos vão se transformar em uma perfeita semelhança de Deus, e todos vão ter a vida eterna no céu.

Agora era necessário que o homem deveria, em primeira instância ser criado, e tendo sido criado, deveria receber crescimento, e tendo recebido o crescimento; deveria ser reforçado, e tendo sido reforçado; deveria florescer, e tendo florescido, deveria se recuperar [a partir de uma doença do pecado], e tendo se recuperado, deveria ser glorificado; e sendo glorificado, deveria ver o Senhor (EGL, Pg. 213-4).

Hick reconhece uma série de comparações entre o tipo de teodiceia agostiniano e sua teodiceia da formação da alma tipo Irineu, como partes de Deus na responsabilidade pela existência do mal, mas ele acha o tipo Irineu mais plausível e teologicamente satisfatório. De acordo com Hick, o tipo agostiniano é muitas vezes demasiado impessoal e é prejudicado por sua opinião sobre o destino da humanidade dividida entre os prazeres do céu e os tormentos do inferno. Em contraste, o tipo de teodiceia Irineu oferece a esperança "de que Deus irá suceder em seu propósito de conquistar todos os homens a Si mesmo na fé e no amor" (EGL, 342).

Argumento de Irineu é invariavelmente apresentado como a grande alternativa para teodiceia de Agostinho. Apesar de partilhar com a visão de Agostinho que o mal ocorre através da agência de livre-arbítrio humano, Irineu argumenta que Deus, ao escolher não criar um mundo perfeito, requer que o homem imperfeito de lutar para o finito "semelhança" de Deus. Em vez da doutrina de Agostinho de que o homem incompreensivelmente destrói sua própria perfeição criada - o mal, portanto, apresentando uma ruptura do plano divino - Irineu vê imagem do homem no processo de criação, como uma criatura inicialmente imatura buscando crescimento moral. Em conformidade, Deus é implicado nos sofrimentos do mundo: em deixando o homem ser livre, Deus permite o mal a ocorrer como uma parte necessária do ambiente em que a maturidade moral pode ser alcançado.

A atualização da teodiceia de Irineu

John Hick destaca a importância de Deus permitir seres humanos a se desenvolverem. Ele pensa que se Deus tivesse nos feito perfeitos, teríamos a bondade de um robô e amaríamos Deus automaticamente sem deliberação posterior. Deus quer que os seres humanos sejam verdadeiramente amorosos e portanto, dá a eles livre arbítrio.

Em seu estudo clássico sobre o problema do mal - *Evil and the God of Love* (1966) - a posição de Hick surge como uma elaboração da teodiceia Irineu. A premissa essencial do seu argumento é que ele nunca fez parte do plano divino para criar seres humanos em um estado de perfeição, como os estados finais existentes em um paraíso do qual, de acordo com a mitologia da Queda, eles caíram desastrosamente longe. Pelo contrário, o propósito de Deus era mais teleológica e desenvolvimento: a criação de indivíduos em processo de se tornar o ser aperfeiçoado a quem Deus procura criar ". Este processo progressivo, no entanto, sem o qual nenhum crescimento espiritual ou moral seria possível, é repleta de dificuldades e perigos, e é um ambiente no qual a experiência do sofrimento é um ingrediente indispensável da área da "formação da alma", mesmo para o ponto onde, como Hick reconhece, pode minar a crença religiosa completamente. Mas mesmo este possível negação de Deus faz parte do plano de Deus: Deus está aqui se escondendo deliberadamente, criando uma "distância epistêmica" entre ele e os indivíduos e abstendo-se de dar muito conhecimento de si mesmo por medo de que

possa colocar em perigo o desenvolvimento da "autêntica atitude fiduciária, em que os indivíduos venham a conhecer Deus não por necessidade, mas livremente.

Críticas

A magnitude do sofrimento é realmente necessário para a formação da alma? por exemplo, o Holocausto. D.Z. Phillips em *The Concept of Prayer* afirmou que a continuação do mal e do sofrimento não é uma demonstração de amor de um Deus todo-bom. Se a vida deixasse de existir de repente, Deus não teria alcançado o seu propósito. Será que o futuro maravilhoso ao longo do caminho realmente justifica a enorme quantidade atual de sofrimento e do mal na terra? Deus não poderia ter definido as coisas de modo que o futuro maravilhoso não requeresse sofrimento extremo tão grande?

Algumas "pessoas más" não podem ser responsabilizadas por seus atos maus, como por exemplo pessoas mentalmente retardadas.

A visão de Agostinho de que todo ser humano é totalmente presente nos lombos de Adão é biologicamente imprecisa. Além disso, ele levanta a questão: Será que tem uma justificativa de Deus permitir a punição de um ser humano por causa do pecado de outro ser humano? Estas, entre muitas outras questões. Assim, pode-se observar que existem inconsistências nos argumentos de Santo Agostinho.

1.1.3 Teodiceia da formação da alma (Soul-Making Theodicy – SMT)

Em seu livro "*Evil and the God of Love*", John Hick tenta justificar o problema do mal. É uma teodiceia com base na defesa do livre-arbítrio. A maioria das teodiceias que têm dominado a cristandade ocidental são agostiniana na natureza. De acordo com Santo Agostinho, Deus criou o homem sem pecado e colocou-o em um paraíso livre de pecado. A queda do homem ocorreu como resultado de sua fraqueza diante da tentação e seu mau uso do livre arbítrio. Esta teoria sustenta que a graça de Deus vai salvar alguns da humanidade, mas ao mesmo tempo, alguns da humanidade sofrerão a condenação eterna. Hick se refere a esta Teodiceia agostiniana como "*minority report*." No entanto, Hick acredita que a tradição Ireniana é mais plausível.

A tradição Ireniana, ou "*minority report*", designadas por Hick, vem de Ireneu e os primeiros fundadores da Igreja grega. Dois séculos mais antigos que a tradição agostiniana, e sustenta que o homem não foi criado como um ser completo sem pecado que passou a rebelar-se e cair da graça. Em vez disso, Hick argumenta, o homem está em um constante estado de evolução criacional. Segundo a tradição Ireniana, o homem é criado em duas etapas, Bios e Zoe. O primeiro passo, Bios, é a criação do universo físico e da vida orgânica. Esta fase continua com a criação do homem, um ser orgânico com uma vida pessoal que é capaz de ter um relacionamento com Deus. Esta fase é a criação do homem em imagem de Deus. A segunda fase desta criação é o homem atingir bondade e valor pessoal. Esta é a qualidade de Zoe ou a realização da semelhança de Deus. Isto é o que Hick se refere como processo da "formação da alma."

O Argumento básico de Hick é que a relação entre Deus e a humanidade é um relacionamento "pai/filho" em grande escala.

Eu acho que é claro que um pai que ama seus filhos, e quer que eles se tornem os melhores seres humanos que eles são capazes de se tornar, não trata o prazer como o valor único e supremo. Certamente que buscamos o prazer para os nossos filhos, e tem prazer em obtê-lo para eles, mas não desejamos para eles completo prazer à custa do seu crescimento em tais valores ainda maiores como a integridade moral, altruísmo, compaixão, coragem, humor, reverência para com a verdade, e talvez acima de tudo a capacidade para o amor. Nós não agimos na premissa de que o prazer é o fim supremo da vida, e se o desenvolvimento desses outros valores, por vezes, se choca com a prestação de prazer, então estamos dispostos a deixar os nossos filhos perderem uma certa quantidade disso, em vez de deixar para vir a possuir e ser possuído pelas qualidades mais finas e mais preciosas que são possíveis para a personalidade humana. Uma criança criada no princípio de que o único ou o valor supremo é o prazer não seja susceptível de se tornar um adulto eticamente maduro ou uma personalidade atraente ou feliz. E para a maioria dos pais parece ser mais importante tentar promover a qualidade e força de caráter em seus filhos do que para preencher as suas vidas em todos os momentos com o máximo grau possível de prazer. Se, então, não há qualquer analogia real entre o propósito de Deus para suas criaturas humanas, e o propósito de pais amorosos e sábios para seus filhos, temos de reconhecer que a presença do prazer e a ausência de dor não pode ser o fim supremo e primordial para o qual o mundo existe. Pelo contrário, este mundo deve ser um lugar de formação da alma. E seu valor é para ser julgado, não principalmente pela quantidade de prazer e dor que ocorrem nele a qualquer momento particular, mas pela sua adequação a

sua finalidade principal, o propósito da formação da alma.
(The problem of Evil: 171)

Para um pai produzir uma criança moral, há um processo dobrado. Primeiro, há a real concepção e nascimento da criança, que pode ser comparada com a criação física do homem. O segundo passo para um pai é ensinar a criança a diferença entre certo e errado e entre o bem e o mal. O pai deve ensinar a criança como evitar tentação e viver uma vida boa. Em uma escala maior, o homem deve aprender a viver uma boa vida como Deus quer. Uma vez que a humanidade é dotado de livre arbítrio, este deve ser um esforço cooperativo.

Alguns argumentariam que Deus poderia ter criado o homem neste estado final, aperfeiçoado desde o início. No entanto, Hick argumenta que isso seria semelhante a Deus criar o homem como animal de estimação em uma gaiola. Além disso, ele argumenta que tal perfeição inicial não seria tão valiosa quanto a perfeição alcançada por tentativa e erro. De acordo com Hick, a bondade alcançada ao longo de um período de tempo através da tentativa e tribulação de resistir tentação e ao pecado envolve força e "esforço moral." Hick deduz que Deus certamente manteria esta bondade alcançada através da força e "esforço moral" no maior respeito do que bondade alcançada, não fazendo nada mais do que simplesmente ser criado de uma forma perfeita.

Em resposta à crítica de que um Deus amoroso não criaria um mundo cheio de maldade e tentação, Hick, mais uma vez refere-se da analogia pai/filho. Até o mais amoroso dos pais não entrega ao seu filho todos os caprichos. Os pais mais amorosos gostam de proporcionar prazeres aos seus filhos, mas ao mesmo tempo, um pai amoroso percebe que há momentos em que a uma criança deve ser negado o prazer imediato, a fim de obter valores maiores, tais como "integridade moral, altruísmo, compaixão, coragem, humor, reverência para com a verdade, e talvez acima de tudo a capacidade de amar." (*The problem of Evil: 171*). Assim, de acordo com Hick, a presença do mal é transcendida por sua necessidade de "*formação da alma*."

Hick afirma que seria impossível para a divindade ter criado humanos com livre arbítrio e ainda não com a capacidade de escolher o mal. Hick afirma que ou os seres humanos são feitos livres e que isso leva ao mal moral, ou então eles são feitos sem liberdade como robôs e que tornaria possível evitar que haja atos de maldade moral. É

melhor que haja o livre arbítrio e assim a divindade fez o universo de livre-arbítrio nele que leva à existência do mal moral.

O pressuposto por trás de seu argumento é que há Deus que tem um propósito especial na vida dos homens. Primeiramente, argumenta-se sobre qual a quantidade adequada de sofrimento (dos três tipos do mal) para a formação da alma. Parece que a quantidade do sofrimento pode ser demais. John Hick admitiu que é um segredo, mas é necessário para o "desenvolvimento dos filhos de Deus". Na minha opinião, o Deus sábio e bondoso define a quantidade ideal de desafios (males) para o propósito da formação da alma. Em segundo lugar, argumenta-se que algumas pessoas não ganham nada (por exemplo, o sofrimento da fome na África) e até mesmo falhar no sofrimento. John Hick responde que não há 'fracasso total' ou 'perda total' no final do jogo. Finalmente, argumenta-se se algum mal é gratuito. Ele respondeu que a formação da alma por Deus provê o significado para o sofrimento. Todo o mal tem ainda o significado.

A teodiceia da formação da alma contribui para mostrar que é mais significativo ter a crença da existência de Deus. Assim, a suposição por trás da teodiceia formação da alma se encaixa no argumento deste contexto.

Para os dias de hoje, as teodiceias não conseguiram explicar por que um deus bom criaria o mal, o que significa que a existência do mal é simplesmente incompatível com a existência de um Deus bom. [...] A violência do mundo natural, a doença, as grandes catástrofes e destruição caótica vista em todo o universo e a inadequação da vastidão da realidade para a vida toda indicam que Deus não está preocupado com a vida e pode até ser realmente mal. A incapacidade de responder ao problema do mal lança dúvidas contínuas sobre os próprios fundamentos das religiões teístas. "The Problem of Evil: Why Would a Good God Create Suffering?" Vexen Crabtree (2002)

1.1.4 Michael Martin: A crítica da teodiceia da formação da alma.

No capítulo 17 do Livro *Atheism – A philosophical Justification*, Martin avalia a resposta teísta que o mal naturalista existe para desenvolver o caráter dos seres humanos. Ele começa observando que os teístas afirmam que muitas vezes bens de

segunda ordem, tais como bondade e coragem só poderia ser acionados dados alguns males de primeira ordem. No entanto, Martin afirma que é possível ter a bondade, generosidade, simpatia, ou bravura em um mundo sem males.

Ele então começa a criticar o que ele acredita ser a apresentação mais forte da teodiceia da "formação da alma", de John Hick. Hick afirma que Deus criou o mundo de tal forma para esconder sua aparência. O resultado disso é que os homens vivem vidas egocêntricas. Isso também, no entanto, disponibiliza a oportunidade para um homem livremente adorar a Deus. Hick não tem uma explicação para a quantidade de mal, mas ele não oferece a ideia de um estado intermediário que torna certos os erros que pareciam ocorrer sem qualquer possibilidade de crescimento de caráter (como uma pessoa que está sendo assassinado).

Martin começa sua crítica de Hick, apontando que o mal excessivo continua a ser um problema. Ele continua como alguns organismos têm o desejo de evitar o perigo "embutido," sem necessidade de dor. Em seguida, ele aponta que a ideia de Hick sobre a "distância epistêmica" é ambígua e que não pode dar uma razão para a mudança de crença a respeito de Deus, portanto, em última análise, resulta em fideísmo. Em seguida, Martin diz que Hick não justificar a sua afirmação de que o homem, se na presença de Deus, não poderia pecar. Ele suporta isso mostrando que, se isso fosse verdade, então todos os crentes religiosos que "experimentaram Deus" iriam parar de pecar. Mas eles não. Depois disso, ele mostra como a finalidade para a distância epistêmica, a liberdade de acreditar como se quiser, é comprometida pelo estado intermediário de Hick. Então ele critica a noção de Hick da liberdade uma vez que existe um mundo logicamente possível, onde as criaturas são livres e ainda não peca. Finalmente, ele afirma que Hick, parece estar trabalhando contra a distância desejada por Deus.

Crítica a Michael Martin

Há um pequeno número de críticas neste capítulo, mas elas parecem minar o argumento inteiro de Martin. Primeiro, Martin afirmou que é possível ter bondade, generosidade, simpatia ou bravura em um mundo sem males. Como? Primeiro, seria impossível de ser indelicado, se não houvesse o mal possível, então a bondade, de modo perde o seu valor. Generosidade só pode ser tido onde a necessidade está presente. Mas necessidade não seria considerada uma privação, ou seja, um mal? Simpatia também

implica perda, o que também seria considerado como um mal. Finalmente, a bravura exigiria um verdadeiro perigo, isto é, um mal. Caso contrário, não é coragem, mas de confiança. Ele tenta dar inúmeros exemplos de como ele pode ter estes bens sem o mal, mas todos falham.

Segundo, os problemas mencionados na secção da teodiceia de Hick são semelhantes aos enfrentados em outros lugares. Principais problemas de Martin aqui são de que ele presume saber o que Deus realmente pode realizar e o que ele deveria ter permitido. Martin precisa enfrentar o fato de que ele é limitado quanto à informação disponível para ele e que tais decisões podem de fato ser infundado.

Terceiro, em relação à posição de Martin que aqueles que têm experimentado Deus teria parado de pecar, acredito que Hick suficientemente responde ele. A distinção de Hick entre uma experiência contínua e uma momentânea resolve este problema. Pela nossa natureza como seres humanos, conhecemos as coisas de uma forma temporal. Assim, quando algo não está em nossa mente, não vai ter o seu pleno efeito sobre nós. Com Deus, pois Ele é o supremo bem, se tivéssemos Ele, nós procuraríamos mais nada. Ir atrás de um bem menor de boa vontade à custa de um bem maior é impossível.

Finalmente, em relação à posição de Martin que um mundo onde todos são livres e ainda ninguém peca é logicamente possível, parece plausível. Este mundo poderia ser chamado céu. Mas não poderia ser realmente possível alcançar tal mundo sem um mundo como este.

CAPÍTULO 3: O PROBLEMA DO MAL NA ABORDAGEM DE PETER VAN INWAGEN

Introdução

O livro *“The Problem of Evil”* do Peter van Inwagen é dedicado à resposta do “Problema do Mal”. No primeiro capítulo, as variações do sentido do tema “Problema do Mal” são discutidas, mas o problema do mal em que ela quer responder é o problema da resposta do argumento do mal, o argumento ou seja argumentos contra a existência de Deus baseados nos fatos sobre o mal. No segundo capítulo, pode-se ver a questão sobre a ideia de Deus; parece que Inwagen aceita a visão de que há um grupo de pessoas a ser chamado *“Teísmo Aberto”*, mas ele não usa essa mesma palavra. A falha da filosofia é discutida no terceiro capítulo. Neste capítulo, ele afirma que todo argumento filosófico que tem como objetivo a estabelecer uma tese filosófica substantiva falha. Nos capítulos seguintes (4 a 7), são apresentadas as respostas dele às várias versões do argumento do mal (*argument from evil*). No resto do livro, é o problema do ocultamento divino, que ele insiste ser distinto do problema do mal.

1. Respostas às versões do argumento do mal (arguments from evil).

As respostas para versões diferentes do argumento do mal tomam uma postura de “defesas”, são histórias que poderiam ser verdades se Deus existisse e, se fossem verdadeiras, mostrariam que Deus tem razões suficientes para permitir a existência do mal (em várias formas) no mundo. Tentando responder aos argumentos do mal, ele responde o problema do “argumento global do mal”, que mostra que o mundo é cheio de vários tipos do mal aterrorizante que afirma que não seriam o caso se Deus existisse de verdade. A resposta de Inwagen a essa questão é a defesa do livre-arbítrio brevemente elaborada, incluindo um estado de virtude original no qual os seres humanos usufruíram a visão pura/vida pura anterior a Queda e também possuíram poderes sobrenaturais. O ser humano foi sujeito à destruição pela forças aleatórias da natureza e para piorar as coisas, as séries de males feitos pelo próprio homem na

maneira em que o homem trata o outro homem. Deus em seu amor e misericórdia coloca em operação um plano para resgatar os seres humanos desses predicamentos e os trazer para o relacionamento de amor consigo que é a única verdadeira felicidade. Isso tudo necessita da boa vontade de cooperação dos seres humanos envolvidos; o amor não pode ser a forçado. E então;

Para os seres humanos cooperarem com Deus nesta operação de resgate, eles devem saber que precisam ser resgatados. Eles devem saber o que significa ser separado dele. E o que significa ser separado de Deus é viver em um mundo de horrores. Se Deus simplesmente "cancelasse" todos os horrores deste mundo por uma série interminável de milagres, ele teria, assim, frustrar seu próprio plano de reconciliação. Se ele fizesse isso, deveríamos estar contentes com o que temos e deveríamos ver nenhuma razão para cooperar com ele (p. 88).

Deus de fato não permite um grande número de males e sofrimentos que poderia resultar da rebelião contra ele, que é o atual estado da raça humana. Mas pelas razões dadas, ele não pode impedir tudo.

2. Argumento local do mal.

A atenção agora é responder o argumento “local” do mal. Esses são argumentos derivados dos males particulares. Não são desviados da resposta ao argumento global. O primeiro é argumento dos horrores/males que resultam em um bem maior ou nenhum que um ser onipotente não poderia obter sem permitir o horror/mal em questão. A resposta de Inwagen é a seguinte; os horrores/males são consequências inevitáveis da separação dos humanos de Deus; não permitindo todos os males, Deus impediria? os humanos da consciência da necessidade de se reconciliarem com Ele.

De acordo com Inwagen, geralmente não há um número mínimo de males que deve ser permitido para que os seres humanos fiquem conscientes dos males de seu atual estado. (Se ‘n’ males é suficiente para alcançar um objetivo, então ‘n – 1’ males deve alcançar o mesmo objetivo). Deus não pode prevenir todos os males, porque, fazendo isso, comprometeria o plano dele de reunir os seres humanos com ele mesmo.

Mas se Deus colocar um limite no número de males permitidos, será um limite arbitrário. Em visão disso, o requerimento moral que Deus deveria impedir todo mal que não resulta em um bem maior não é plausível e deveria ser rejeitado.

Outro argumento local que chamou a atenção do Inwagen é baseado no sofrimento dos animais. Estes sofrimentos, em muitos casos, não podem ser vistos como consequências do ato errôneo de seres humanos e então não foram tocados pela defesa do livre-arbítrio falada acima. A resposta de Inwagen abrange muitas afirmações; A existência de “criaturas sensíveis de alto nível” (animais que são conscientes em uma maneira comparável ao mamífero não humano de alto nível) é um bem maior. Qualquer mundo que contém tal criatura, ou contém um tamanho grande de sofrimento animal, ou é “grandemente irregular” por causa da intervenção divina frequente no objetivo principal da natureza. Mas para um mundo ser grandemente irregular é um defeito suficientemente grande conter grandes quantidades de sofrimento animal. Em vista dessas coisas, Deus não é moralmente culpado por ter criado um mundo como o nosso, que contém um grande caso de sofrimento animal. A “defesa de anti-irregularidade”;

[...] quando conjugada com a defesa do livre-arbítrio, constitui uma defesa composta que representa o sofrimento de ambos seres humanos e animais, ambos os animais racionais ou sábios e animais meramente sensíveis (p. 113).

O objetivo das defesas é mostrar que cada um dos argumentos do mal fracassa. Mas “fracassa” em que sentido? Para responder isso, iremos olhar ao que Inwagen chama-se de “Fracasso Filosófico”.

3. **Fracasso filosófico (*philosophical failure*).**

Depois de considerar outras sugestões e rejeitando-as como sendo muito exigentes, Inwagen cede para a visão de que um argumento filosófico seria bem sucedido se um expoente do argumento tivesse sucesso em uma discussão. Sucesso nessa discussão é compreendido como o expoente mostrando para a audiência “um ideal agnóstico” para aceitar a conclusão do argumento. Ideais agnósticos são pessoas que não só não acreditam em tanto a conclusão ou sua negação, mas, além disso, são

"neutros" em que eles não têm predileção prévia de um sobre o outro, e não uma visão de que é mais provável de um ser mais verdadeiro que os outros. Eles, no entanto, têm um grande interesse em alcançar a verdade sobre o assunto em consideração, o que quer que a verdade possa ser. Eles são de grande inteligência, têm tempo ilimitado à sua disposição, e estão dispostos a perseverar "enquanto for necessário" para chegar a uma conclusão. O proponente do argumento tem um adversário, que está tão comprometido com a avaliação crítica da conclusão quanto o seu oponente, ambos deles, como a audiência, são muito inteligentes, e cada um é bem-informado sobre o melhor possível maneira de defender suas respectivas posições. Sucesso para o proponente, e para o argumento em questão, é definido como persuadir os membros da audiência a aceitar a conclusão do argumento. (A hipótese simplificadora é feita de que todos irão aceitá-la se for o caso fazer.) Sucesso para o adversário, por outro lado, depende apenas de impedir este resultado, e fazer o argumento ser visto pela audiência como "não provado".

Dado este padrão de sucesso, van Inwagen conclui (como já salientado) que todos os argumentos filosóficos que visam estabelecer teses filosóficas substantivas fracassam. Ele admite, naturalmente, que os debates ideal do tipo descrito são difíceis de encontrar na prática. Mas ele insiste em que os debates realizados na verdade, na comunidade de filósofos e estudantes de graduação da filosofia podem ser tomados como uma aproximação justa para debates ideais, sobre as matérias que têm sido amplamente consideradas por essa comunidade. E o fracasso dos argumentos filosóficos existentes para produzir consenso nestes debates reais (van Inwagen tristemente cita seus próprios argumentos sobre o livre-arbítrio como exemplos) fornece fortes evidências de que nenhum argumento conhecido cumpre os requisitos para o sucesso. Ele considera a possibilidade de que seu critério seja muito exigente, e um critério mais liberal de sucesso deve ser procurado. Mas,

Por fim, não existe um critério mais liberal. O critério que eu propus é o critério mais liberal possível (p. 160, n. 5).

A alegação de que nenhum argumento filosófico é bem sucedido é bastante pessimista, e convida a pergunta "Por que, então alguém deveria prestar atenção à filosofia?" Algumas possíveis respostas que me ocorrem, mas nenhum que eu acho que

Inwagen acharia agradável. (Exemplos: ".. Porque é uma atividade divertida" "Porque ensina a argumentar com plausibilidade igual em ambos os lados de qualquer questão"). Apesar de seus protestos, está longe de ser evidente que seu critério deve ser aceito. Claramente, a audiência ideal é caracterizada pelo ideal iluminista da razão, neutro e imparcial - mas este ideal é um mito, tese na qual tanto pós-modernistas quanto epistemólogos reformados concordam. (Inwagen mesmo afirma que o que importa sobre a sua defesa é "o que agnósticos genuinamente neutros pensam sobre isso (ou o que pensariam sobre isso se houvesse qualquer um deles)!" (P. 113)). Também está longe de ser evidente que os resultados de debates entre os filósofos reais e estudantes de graduação, nenhum dos quais estão em conformidade com esse ideal iluminista, devem ser tomados como representativos do que um debate ideal produziria. Acredito, portanto, que devemos estar abertos à possibilidade de diferentes padrões de sucesso filosófico que Inwagen sugeriu, mas esse tópico não pode ser prosseguido neste trabalho.

Inwagen não, naturalmente, pretende simplesmente inferir o fracasso de argumentos do mal a partir de sua reivindicação geral que todos argumentos filosóficos são fracassos. Suas defesas são destinadas justamente para mostrar que os vários argumentos do mal falham. Mas o que exatamente é uma defesa? Para começar, uma defesa não é uma teodiceia, que tenta "dizer a verdade real sobre o assunto ... sobre o porquê de um Deus justo permitir o mal" (p. 6). A defesa, em contraste, é uma história que poderia ser verdade se Deus existisse. Mas o "poderia" aqui não indica mera possibilidade lógica, como o faz a defesa do livre-arbítrio de Plantinga contra o problema lógico do mal. Pelo contrário, o "poderia" representa possibilidade epistêmica: a defesa é uma história que pode ser verdade "considerando-se tudo que se sabe". É como uma história apresentada por um advogado de defesa no tribunal, destinada a explicar a evidência de uma forma que é consistente com a inocência do acusado, e, assim, criar "dúvida razoável" nas mentes dos juízes. Tal defesa não deve contrariar os fatos conhecidos, nem deve ser tão incrível que a possibilidade de sua verdade pode razoavelmente ser desconsiderada completamente. Mas uma defesa não precisa ser verdadeira para ser bem sucedida, nem precisa ser plausível, nem precisa ser vista como verdadeira tanto por seu proponente ou pelo público. É perfeitamente aceitável ter um número de defesas em relação a um determinado tipo ou instância do mal que se contradizem; evidentemente, elas não podem ser todas verdadeiras, mas cada

uma delas pode ser verdade, por isso cada um contribui para o resultado que o argumento correspondente do mal é mal sucedido.

Eu acho que é provável que várias defesas de Inwagen satisfaçam os critérios que ele declarou para uma defesa, e servirá o propósito de mostrar que os argumentos do mal que ele considera são fracassos, em seu sentido de "fracasso". Para ter certeza, algumas pessoas gostariam de ter mais do que isso por meio de uma resposta para o problema do mal. Talvez eles gostassem de ter uma teodiceia, um relato verdadeiro de por que Deus permite que o mal exista. Inwagen, no entanto, não tem de satisfazer essas exigências, se necessário, ele pode referir essas pessoas para as autoridades teológicas para obter mais ajuda em sua busca. Mas não há razão para pensar que, mesmo considerado em seus próprios termos, o seu projeto cumpre menos do que o necessário. Parece inteiramente possível que um argumento do mal, em competição com uma de suas defesas, pode convencer os agnósticos em questão, que, inicialmente, considerando o teísmo e o ateísmo como igualmente prováveis, passe a ver o ateísmo como muito mais provável, mais provável que seja verdade, do que o teísmo - e isto enquanto eles ainda permanecem agnósticos, não acreditando realmente que tanto o teísmo seja verdadeiro ou falso. Dado este resultado, Inwagen presumivelmente alega que o argumento do mal tem sido um fracasso, e que sua defesa foi um sucesso, porque impediu que o defensor do argumento transformasse os agnósticos da audiência em ateus. É duvidoso, porém, se muitos outros irão partilhar a estimativa de Inwagen desse resultado. Inwagen poderia modificar seu critério para dizer que um argumento é bem sucedido se leva a audiência agnóstica levantar por um grau significativo a sua estimativa da probabilidade de que a conclusão é verdadeira. Se ele pudesse de fato fazer isso - mas, então poderia ser mais difícil de manter que não há argumentos existentes que fossem bem sucedidos, e plausibilidade se tornaria mais importante do que ele parece disposto a permitir. A analogia do tribunal pode ser enganosa aqui: Em um julgamento criminal, qualquer resultado inferior ao "culpado além da dúvida razoável" conta como uma vitória para a defesa. Não é assim, porém, na filosofia.

Em vista disso, parece razoável sugerir que Inwagen pode considerar elevar seu olhar um pouco, e tentar fornecer mais do que uma "defesa", como ele definiu o termo. É até possível que ele poderia fazer isso sem modificar muito as histórias reais que constituem suas defesas. Apesar de sua posição oficial de que a plausibilidade não é necessária, ele faz evidenciar, por vezes, uma preocupação com a plausibilidade de suas

histórias. Tampouco a verdade do que ele propõe é uma questão de completa indiferença para ele. (Aqui há uma distinção que ele não faz, mas que pode-se achar importante: A história pode ser verdadeira no que diz, e pode mostrar que Deus é justificado em permitir certos males, e ainda assim não pode dar motivo real de Deus permitir esses males em questão. Poderíamos chamar esta uma "teodiceia modesta," em contraste com "teodiceias indecentes" que têm a pretensão de mostrar saber razões que Deus tem para permitir os males em questão. A teodiceia, podemos sugerir, deve sempre deixar em aberto a possibilidade de que Deus tem razões para uma coisa que ele faz e ainda é melhor do que qualquer uma que tenha ocorrido para nós). Em um ensaio um pouco anterior, Inwagen apresenta sua defesa de livre-arbítrio e, em seguida, pergunta: Será que eu acreditaria? Bem, eu acredito em partes delas e eu não descredito de nada Eu não estou nada certo sobre 'poderes supernaturais' ", por exemplo, ou sobre a proposição de que Deus nos protege de muito mal e que o mundo seria muito pior se ele não fizesse nada.

De acordo com este, ele considera a sua defesa de livre-arbítrio em suas linhas principais, como sendo verdadeira - por isso pode, afinal, pelo menos, constituir o núcleo de uma teodiceia modesto.

Inwagen oferece um argumento sustentado e engenhoso para a visão de que o problema do mal é um fracasso filosófico. Há muito a ser aprendido com a argumentação de recursos. Pode-se pensar que o interesse da conclusão de que o problema do mal é um fracasso filosófico é pelo menos um pouco viciada pela visão van Inwagen de que todos os argumentos filosóficos para conclusões interessantes e substantivas são fracassos, talvez van Inwagen diria que é importante para ver por que os membros dessa família particular de argumentos são fracassos, mesmo se todos os argumentos filosóficos para o tipo de conclusões relevantes são realmente fracos. Sobre este tipo de abordagem, pode-se ver a filosofia em geral, mostrando por que exatamente cada argumento filosófico para as várias teses filosóficas interessantes fracassa, embora este é talvez um pouco menos do que a visão animada, ele ainda deixaria um papel interessante de argumentação filosófica.

CONCLUSÃO

O problema do mal é muito complexo e permite várias abordagens. No primeiro capítulo, nós vimos a abordagem das defesas do livre-arbítrio por Plantinga. Além da defesa do livre-arbítrio, nós vimos também os argumentos do mal onde discutimos o problema evidencial, probatório e o problema lógico do mal. Essas abordagens tentam mostrar a inconsistência da existência de Deus com a existência do mal. A defesa do livre-arbítrio, por outro lado, diz pelo contrário, que o mal é devido ao livre-arbítrio humano. Querendo dizer que Deus não é responsável pelo mal que ocorre no mundo, mas sim, os seres conscientes, porque eles, em algumas ocasiões em que há uma escolha moral significativa e têm a capacidade de exercer o livre arbítrio significativo, irão escolher o mal. Neste caso, o argumento parece ser que Deus sabe que o mal ocorre, e Deus não quer que o mal ocorra, e Deus tem a capacidade de impedir o mal, mas o mal ainda existe porque Deus quer que os seres humanos tenham livre-arbítrio significativo. Nesse caso, o livre arbítrio significativo parece ser tão bom que seria melhor para o mundo contê-lo e o mal que ocorre como resultado dele, em vez de um mundo que não contém nenhum mal, mas ao mesmo tempo nenhum livre arbítrio significativo.

No entanto, esta resposta não é adequada, pois em algum sentido, assume que o livre arbítrio é logicamente inseparável do mal, o que claramente não é.

No segundo capítulo, nós vemos a abordagem da teodiceia, especialmente a teodiceia da formação da alma de John Hick. Uma teodiceia é uma tentativa de justificar ou defender Deus, em face do mal. Ele começa com a suposição de que um ser como Deus vai querer eliminar o mal. Se Deus é todo bom, mas não todo-poderoso ou sábio, então talvez ele não tenha a capacidade de intervir em todas as ocasiões. Da mesma forma, se Deus é todo poderoso e sabe, mas não é totalmente bom, então talvez ele tenha uma tendência má. Se Deus é de algum modo todas estas coisas, mas o universo não existe numa relação contingente, então Deus tem pouco a ver com o mal (mesmo que o projeto de Deus ainda possa ser criticado). No entanto, se Deus é bom e poderoso, então por que o mal existe?

Nós vemos que essa resposta pressupõe várias coisas. O primeiro ponto implica que Deus é um ser pessoal, embora nem todo teodicista concordaria. Da mesma forma, o segundo ponto supõe que Deus interage, ou pelo menos tem interagido em algum

momento, com o mundo. E que podemos reconhecer que o mal existe no mundo assume que o "mal" é algo que pode se tornar inteligível e, portanto, discutido. O mal é geralmente definido como qualquer estado indesejável de coisas e é considerado geralmente de modo a incluir tanto o mal moral, os actos praticados por seres humanos, e o mal natural, que inclui a dor e o sofrimento que resulta de desastres naturais, doenças ou defeitos genéticos.

No terceiro capítulo, é onde vemos a abordagem do Peter van Inwagen. Essa abordagem parece a mais radical de todos. Mostra que o problema do mal não é um problema que a filosofia pode resolver. A filosofia não resolve nenhum problema então a filosofia não vai também conseguir resolver o problema do mal. Ele fala em fracasso filosófico. Ele infere ao fracasso de argumentos do mal a partir de sua reivindicação geral que todos argumentos filosóficos são fracassos. Suas defesas são destinadas justamente para mostrar que os vários argumentos do mal falham.

No final, podemos ver que até os dias atuais, todas as teodiceias não conseguiram explicar por que um deus bom criaria o mal, o que significa que a existência do mal é simplesmente incompatível com a existência de um deus bom. Após milhares de anos, os teólogos não conseguiram formular uma nova resposta ao problema do mal por um longo tempo. A violência do mundo natural, a doença, as grandes catástrofes e destruição caótica vistos em todo o universo e a inadequação da vastidão da realidade para a vida toda indicam que Deus não está preocupado com a vida, e pode até ser realmente mal. Incapacidade de responder ao problema do mal lança dúvidas contínua sobre os fundamentos das religiões teístas.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Marilyn e ADAMS, Robert (eds.) **The Problem of Evil**. Oxford: OUP, 1990.
- MARTIN, Michael. **Atheism – A Philosophical Justification**. Philadelphia: Temple University Press, 1990.
- HICK, John. **Evil and the God of Love**. London: Harper & Row, 1978.
- INWAGEN, Peter van. **The Problem of Evil**. Oxford: OUP, 2008.